This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em http://books.google.com/

DP
572
.P64

BUHR A

a39015 01815196 2b

… D'AZEVEDO

(VOLUME LIII)

CHRONICAS

DE

EL-REI D. AFFONSO II

E DE

EL-REI D. SANCHO II

POR

RUY DE PINA

ESCRIPTORIO
147 = RUA DOS RETROZEIROS = 147
LISBOA
1906

1817
ARTES VERITAS SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
SI QUAERIS PENINSULAM AMOENAM
CIRCUMSPICE

RECEIVED IN EXCHANGE
FROM
Library
Duke University

DP
572
.P64
(143)

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LIII)

CHRONICA

DE

EL-REI D. AFFONSO II

POR

RUY DE PINA

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1906

LIBRARY OF CONGRESS
JUN 16 1930
DUPLICATE
EXCHANGED
DP
572
.P64
387270
'29

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO II.

TERCEIRO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,

Que ſe conſerva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREI

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina FERREYRIANA.

M.DCC.XXVII.

Com todas as licenças neceſſarias.

EXCH.
LIBRARY
DUKE UNIV.
JUN 30 '36

SENHOR

PONHO na Real presença de V. Magestade a Chronica do Senhor Rei D. Affonso II que ainda que breve no volume, é larga na qualidade dos successos. Nella verá V. Magestade que os seus gloriosos Predeccessores não cessaram em tempo algum do augmento dos seus Estados, e da Religião Christã pois a este fim vestiam as armas, e tomavam a lança com perigo das suas Reaes vidas, como o experimentou este mesmo principe, vendo-se quasi suffocado na campanha. Aceite V. Magestade este tributo do meu obsequio, que prostrado a seus Reaes pés lhe deseja todas aquellas felicidades, que só podem vir da mão de Deos que guarde a Real Pessoa de V. Magestade por muitos annos, como seus vassallos lhe dezejamos.

Miguel Lopes Ferreira.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNÃO TELLES DA SILVA

MARQUEZ DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO, e Guerra del-Rei Nosso Senhor, Gentil homem de sua Camara, Védor de sua fazenda, seu Embaixador extraordinario na Corte de Vienna, ao Serenissimo Emperador José, Condutor da Serenissima Rainha Nossa Senhora a estes Reinos, Academico, e Censor da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

TERCEIRA vez busco a V. Excellencia como protector, e amparo commum dos que servem a Patria. A benignidade natural de V. Excellencia tem a culpa desta repetição. Offereço a V. Excellencia esta Chronica del-Rei D. Affonso II chamado vulgarmente o *Gordo*, para que V. Excellencia se digne de a pôr na Real presença de Sua Magestade. Espero que lembrado V. Excellencia de já me haver feito duas vezes este mesmo beneficio, mo queira continuar agora, porque é certo que suprirá a grandeza da Pessoa de V. Excellencia o que eu não mereço. A Excellentissima Pessoa de V. Excellencia guarde Deos muitos annos.

Criado de V. Excellencia

Miguel Lopes Ferreira.

PROLOGO

AO LEITOR

Não te admires vendo uma Chronica tão pequena de um Rei tão grande. Em oito capitulos a deo por acabada o seu Chronista, ou o reformador da sua Chronica antiga. Mas aqui é que se ha de estimar o livro pelo pezo, e não pelo volume. Verás nesta Chronica o que podem as paixões; verás o zelo da Religião obrigando a um Principe a entrar na campanha quando a sua demasiada corpulencia que lhe deo o nome *de Gordo*, justamente o desobrigava de tão violento exercicio; mas o augmento da Fé o fazia esquecer dos impedimentos da natureza. Verás como no seu tempo vieram miraculosamente para a Cidade de Coimbra as Reliquias dos cinco Religiosos de São Francisco, que pela Fé deram o sangue em Marrocos, e verás como o mesmo Rei pessoalmente os foi receber. Lê, e não te mostres ingrato ao meu cuidado que não cessa de procurar modos de satisfazer á tua curiosidade, como brevemente o verás.

Vale.

LICENÇAS

DO

SANTO OFFICIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. Antonio Caetano de Souza, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza

EMINENTISSIMO SENHOR

Esta Chronica del-Rei D. Affonso II que V. Eminencia me manda ver, que anda em nome de Ruy de Pina Chronista mór em tempo de El-Rei D. Manoel, e agora manda imprimir Miguel Lopes Ferreira, depois de passados dous seculos, não contem cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. Não só esta Chronica, mas todas as que temos antigas desde El-Rei D. Affonso I e o Conde D. Henrique seu pai, até El-Rei D. Duarte, con-

forme a observação que tem feito os Eruditos da nossa Historia, todas foram escritas por Fernão Lopes primeiro Chronista mór do Reino, que depois milhorou em estillo o dito Ruy de Pina, e publicou em seu nome, com que agora se imprimiram, com a licença de V. Eminencia, a que não tenho duvida se lhe conceda. Lisboa Occidental na Caza de N. Senhora da Divina Providencia, 8 de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, Religioso da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, e Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR

Li por ordem de V. Eminencia esta Chronica del-Rei D. Affonso o II. Della consta só a discordia, que houve entre o dito Rei, e suas irmãs, mas ainda assim (depois de obrigado) estudou como se havia de concordar, como concordou, com ellas, sinal de ser Rei sabio, e virtuoso; Sabio como diz Santo Ambrosio: «Lib. 2. de Abraham c. 6. ante medium col. 1013. B. Sapienti pacis, & concordiæ est studium, imprudenti amica jurgia»; e virtuoso como dá a entender S. João Chrysostomo «Homil. 45. ante a mediũ col. 373, D. Ubi concordia, ibi bonorum confluxus, ibi pax, ibi charitas, ibi spiritualis lætitia nullum bellum, nulla rixa, nus quam inimicitior, & contentio». Esta concordia, paz, caridade, alegria espiritual, &c vemos por experiencia neste nosso Reino agora de prezente, mas como não ha de ser assim, se temos por Rei o Invitissimo, e Augustissimo Monarcha o Senhor D. João

o V, que Deos guarde por muitos annos, de quem com muita propriedade se póde dizer o que lá disse Cicero (senão em tudo, em parte) «Orat. 42. pro Rege Dejotaro in princip. num. 1. tom 2. Rex concors, pacificus, fortis, justus, severus, gravis, magnanimus largus, beneficus, liberalis, &c.» Não tem a Chronica cousa contra a Fé, ou bons costumes, e assim julgo que se póde imprimir. Santo Antonio dos Capuchos, 21 de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

VISTAS as informações, pode-se imprimir a Chronica del-Rei D. Affonso II e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 22 de Março de 1726.

Rocha, Fr. Lancastre. Teixeira. Silva. Cabedo.

DO ORDINARIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. José Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das Tres Ordens Militares, Chronista da Serenissima Caza de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

POR mandado de V. Illustrissima vi a Chronica del-Rei D. Affonss II que escreveo Ruy de Pina, e nella não achei por onde se não lhe deva dar a licença para se imprimir. V. Illustrissima ordenará o que for servido. Nesta Caza de N. Senhora da Divina Providencia, 18 de Agosto de 1726.

D. José Barboza C. R.

VISFA a informação pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 27 de Setembro de 1726.

D. J. A. L.

DO PAÇO

Approvação do Reverendo Beneficiado Diogo Barbosa Machado Presbytero do Habito de S. Pedro, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza

SENHOR

OBEDECENDO ao Real preceito de V. Magestade, li a Chronica do Serenissimo Rei D. Affonso II do nome, e terceiro Rei de Portugal, composta por Ruy de Pina Chronista mór deste Reino, e Guarda mór da Torre do Tombo, um dos mais deligentes Escritores, que venerou a sua idade. Nella, como em pequeno mappa recopilou este Author parte das heroicas acções, que exercitou aquelle Princi-

pe, cujo coração foi sempre animado pelos espiritos marciaes, que com a Coroa herdara de seus augustissimos Predecessoros, illustrando a sua Real purpura não com o barbaro sangue Mauritano, derramado na famosa conquista de Alcacere, como inferior á sua grandeza, mas com aquelle que sagradamente prodigos verteram em obsequio da Religião sobre as aras do Martyrio cinco heroicos Soldados nas adustas campanhas de Marrocos, que sendo benevolamente hospedados em Coimbra, e Alemquer pela generosa piedade da Rainha Dona Urraca, e da Ifanta Dona Sancha, uma Esposa, e outra Irmã deste Monarcha, quizeram satisfazer aquella piedosa hospitalidade com a posse das suas sagradas cinzas conduzidas ao Real Convento de Santa Cruz de Coimbra pelo ferveroso zelo do Ifante D. Pedro. Certamente agora recebe nova gloria, e maior esplendor o nome não só daquelle Principe, mas ainda do seu Chronista, pois se faz publica, e patente aos olhos do mundo uma Historia, que ha mais de dous Seculos estava occulta nos Archivos, e nas Bibliothecas, e ainda que era conhecida por alguns eruditos, não tinha a fortuna de lograr o beneficio da luz publica eternizada nos caracteres da Impressão mais perduraveis, que aquelles, que a vaidade dos homens abrio nos marmores, e esculpio nos bronzes. Desta tão grande, e tão heroica felicidade o unico, e Soberano Author é V. Magestade, pois com a altissima providencia, com que criou a Academia da Historia Portugueza intruduzio nova vida no corpo historico desta Monarchia, que jazia sepultado nas injuriosas cinzas do esquecimento. Erigio um Capitolio litterario para nelle se coroarem os Varões benemeritos da immortalidade. Abrio uma douta Officina para se lavrarem as Estatuas aos Heroes Portuguezes. Correo as cortinas ao veneravel Santuario das anti-

guidades Ecclisiasticas desta Coroa. Descobrio os thesouros da erudição Historica atégora fechados á perspicacia de muitos engenhos. Declarou formidavel guerra ao Imperio da ignorancia, e fez communicavel a todo o genero de pessoas o comercio das Letras. Toda esta gloria estava mysteriosamente reservada para o feliz reinado de V. Magestade, pois não lhe bastando para complemento da sua Real grandeza o suave dominio, que tem nos corações de seus vassallos, o quiz tambem dilatar aos entendimentos, como parte mais nobre, e superior de todo o homem. Animados com os generosos alentos, com que V. Magestade inspira, e protege as Sciencias, são innumeraveis os Escritores, que com judiciosa critica, e vastissima erudição tem publicado os partos de seus fecundos engenhos, não sendo inferior a estes a zeloza diligencia com que Miguel Lopes Ferreira se empenhou em obsequio deste Reino a mandar imprimir as Chronicas dos Reaes Predecessores de V. Magestade das quaes é esta a Terceira, sendo egualmente digno da attenção de V. Magestade o seu zelo com que pretende eternizar as glorias desta Monarchia, como benemerito da licença este livro pelo nome de seu author. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Occidental 20 de Março de 1727.

Diogo Barbosa Machado.

QUE se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressa torne á meza para se conferir, e taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 5 de Junho de 1727.

Marques P. Pereira. Galvão. Oliveira. Teixeira. Bonicho.

Coronica do muito alto, e esclarecido Principe D. Affonso II, terceiro Rei de Portugal

CAPITULO I

Como o Ifante Dom Affonso foi alevantado por Rei e como foi cazado, e com quem, e que filhos legiti mos houve

El-Rei Dom Sancho de louvada memoria deste nome o primeiro, e dos Reis de Portugal o segundo, faleceo em Coimbra na era de N. Senhor de mil e duzentos e doze; (1212) o Principe Dom Affonso como primogenito, e herdeiro foi logo alevantado, e obedecido por Rei, em idade de vinte e cinco annos, havendo já quatro annos que era cazado com a Rainha Dona Orraca filha legitima del-Rei Dom Affonso deste nome o noveno de Castella, e neste tempo sendo Ifante, depois que sua idade o premitio, e em Reinando El-Rei Dom Sancho seu padre, foi com elle em muitas cousas notaveis, e grandes feitos darmas, que naquelles tempos concorreram, em que por

seu corpo, e braço assi o fez sempre como bom, e esforçado Cavalleiro, que bem pareceo ser filho, e neto do pai de que descendia, e para claramente se ver que a Real Caza de Portugal dantigamente foi liada, e conjunta em sangue com todas as Cazas de todos os Reis, e Principes Christãos, é de saber, que El-Rei Dom Affonso noveno de Castella, sogro deste Rei Dom Affonso de Portugal foi cazado com a Rainha Dona Lianor filha del-Rei Dom Anrique Dinglaterra, e della houve dous filhos, e cinco filhas; todos legitimos, a saber, dous filhos o Ifante Dom Fernando primeiro, e herdeiro, que em idade de dezaseis annos sem ser cazado faleceo em vida de seu pai antes um pouco da batalha das Naves de Tolosa, e o Ifante Dom Anrique, que apoz elle depois de sua morte o soccedeo, e sem leixar herdeiro, que o soccedesse faleceo mui moço, como atraz na Coronica del-Rei D. Sancho é declarado, e das cinco filhas que houve uma foi a Ifanta Dona Constança primeira Senhora do Moesteiro das Holgas de Burgos, que El-Rei seu padre novamente fundou, onde ella falleceo sem cazar, e as outras quatro filhas foram Rainhas, a saber, a Rainha Dona Branca, filha maior, que cazou com El-Rei Luis de França, filho del-Rei Felippe, o que disseram Augusto, e houveram herdeiro de França El-Rei São Luis, e outros filhos, e a segunda Rainha, foi Dona Lianor, que foi cazada com El-Rei Dom James, deste nome o primeiro Rei de Aragão, de que houve filho o Ifante D. Affonso, que faleceo moço, e não Reinou, e a terceira filha foi a Rainha Dona Biringela mulher del-Rei Dom Affonso de Lião de que houve filhos El-Rei Dom Fernando Rei de Castella, e de Lião, que dizem o Santo, e o que ganhou dos Mouros Cordova, e Sevilha, e muita parte Dandaluzia, e o Ifante Dom Affonso de Molina, como na Co-

ronica del-Rei Dom Sancho brevemente se disse, e na Coronica de Castella mais largamente se contem.

E a quarta filha foi a Rainha Dona Orraca molher deste Rei Dom Affonso de Portugal de que houveram dous filhos, e uma filha a saber, o Ifante D. Sancho o que disseram o Capello, que a poz elle logo Reinou, e o Ifante Dom Affonso que foi Conde de Bolonha em França, que apoz Dom Sancho por não ter legitimo herdeiro tambem Reinou em Portugal, e o Ifante Dom Fernando, que se disse Ifante de Serpa, e segundo se brevemente acha, este cazou em Castella com Sancha Fernandes, filha de Dom Fernando, de que houve uma filha chamada Dona Lianor, que foi depois cazada com El-Rei de Dacia, e lá faleceo sem filhos, e houve mais o dito Rei Dom Affonso da Rainha Dona Orraca sua molher a Ifanta Dona Lianor, que cazou com o filho herdeiro del-Rei de Dinamarca, que depois da morte de seu padre herdou o Reino, mas quando, e como, e por quem estes Ifantes Dom Fernando, e Dona Lianor cazaram, não se acha escrito, sómente parece que segundo o pouco tempo que El-Rei Dom Affonso seu padre viveo, que elles cazaram depois de sua morte, e por aderencias das Cazas Reaes de França, e Dinglaterra, com que por sangue eram mui conjuntos.

E não dou muita fé, nem authoridade ao que destas Rainhas Dona Orraca de Portugal, e Dona Branca de França vulgarmente se diz, e alguns escreveram, que os Embaixadores del-Rei de França, e del-Rei de Portugal, que juntamente vieram a Castella a requerer cazamentos destas Rainhas filhas del-Rei Dom Affonso, que os de França quizeram antes a Dona Branca, posto que era mais moça, e de menos estima, e leixaram a Portugal Dona Orraca por ser nome feo, para França, por que isto tem duas gran-

des contradições, a primeira que a Rainha Dona Branca não era a mais moça, mas a mais velha, e nas contendas, que depois houve antre os Reis de França, e Castella, sobre socessão de Castella, que vinha de filhas, e não de filhos, se prova isto muito craro, porque El-Rei São Luis de França pertendia ter direito em Castella, por ser filho da Rainha Dona Branca, filha maior del-Rei Dom Affonso noveno, e queria excludir a El-Rei D. Affonso deste nome o decimo de Castella, filho del-Rei Dom Fernando, neto da Rainha Dona Biringela, por ser filha menor del-Rei D. Affonso noveno, e se a Rainha Dona Orraca fora filha maior, este direito pertencia a El-Rei Dom Sancho Capelo, e a El-Rei D. Affonso Conde de Bolonha, Reis de Portugal, e filhos da dita Rainha Dona Orraca, o que não foi, e a segunda contradição é que este nome Dona Orraca era nome a Rainhas mui costumado, e de muita estima, e tal de que se muitas honraram, e leixando outras muitas, estas que me aqui occorrem apontarei, a mãi do Emperador Despanha D. Affonso deste nome o outavo de Castella, e molher do Conde Dom Reymão de Tolosa havia nome Dona Orraca, que foi a Rainha Despanha, e a Rainha de Lião, molher del-Rei Dom Fernando, e filha del-Rei Dom Affonso Anriques, tambem havia nome Dona Orraca, que foi Princeza mui singular, e a molher de Dom Reymão Conde de Barcelona, e Rei de Aragão, que era da Caza, e Reino de França, que no mesmo Reino havia nome Dona Prona, e mudou o nome, escolhendo outro por milhor, se chamou Dona Orraca, e desta veo D. Affonso deste nome o segundo Rei Daragão, e a Rainha Dona Doce molher del-Rei D. Sancho de Portugal, de que em sua Coronica se disse.

CAPITULO II

Das desavenças que houve antre El-Rei D. Affonso, e as Ifantes suas irmãs, e da guerra que sobre esso se moveo

No primeiro anno do Reinado deste Rei Dom Aflonso de Portugal, era o prazo da batalha das Naves de Toloza, que El-Rei Dom Affonso seu sogro tinha posto com Mirabolim de Marrocos, filho de outro Mirabolim, que fora vencedor na outra batalha Delharcos, para que o Papa concedeo geral Cruzada, que o Ifante D. Fernando primogenito herdeiro do dito Rei D. Affonso em pessoa foi pedir, e trouxe de Roma, e logo faleceo, como já disse, e por ganharem os perdões, e remissões de peccados grandes outros Senhores, e outras muitas e nobres gentes de toda Christandade vieram a esta batalha em pessoas á qual não se acha, que fosse em pessoa este Rei Dom Affonso de Portugal, mas que enviou gentes suas, e a cauza delle não ir em pessoa, diz, que foi porque neste proprio anno começou de Reinar em Portugal, e assi por boliços, e desassocegos que dantre elle, e suas irmãs se moveram, como ao diante se dirá. E este Rei Dom Affonso de Castella ao tempo desta batalha era de cincoenta e seis annos, e no anno seguinte tendo Cortes em Burgos, se diz que mandou a ellas chamar a este Rei de Portugal seu genro, ás quaes elle não quiz ir, e elle anojado desso, determinou fazer-lhe guerra, e tomar-lhe os Reinos se podesse, e que com este fundamento indo para Prazença adoeceo no termo de Revaldo em uma Aldea, que se diz Martim Manhos, e ahi faleceo, e foi dahi levado, e sepultado no Moes-

teiro das Holgas de Burgos, que elle novamente fundou, e outros dizem que vinha para se ver no extremo de Portugal com seu genro para o aconselhar em suas couzas, e debates em que andava, com suas irmãs, e que todavia faleceo no dito lugar, porque tambem este Rei Dom Affonso de Portugal logo como Reinou não lhe faleceram grandes necessidades, e afrontas de excommunhões do Papa, e de guerras, e desavenças que houve com suas irmãs a Rainha Dona Tareja, molher que fora del-Rei Dom Affonso de Lião, e da Ifante Dona Sancha, de que a cauza brevemente foi esta.

El-Rei Dom Sancho, como em sua Coronica disse, leixou em seu testamento á Rainha Dona Tareja, sua filha, que fora cazada com o dito Rei Dom Affonso de Lião, a Villa de Monte mór o Velho, e Esgueira, e mais dez mil maravedis douro, e certa prata, e que se ella morresse, que houvesse estes Lugares a Ifante Dona Branca sua irmã della, e leixou á Ifante Dona Sancha a Villa Dalanquer, e dez mil maravedis douro, e tambem prata, e que se ella falecesse, que houvesse a Villa a Ifante Biringela sua irmã, das quaes Villas, e cousas ellas houveram a posse, e as tinham ; mas El-Rei Dom Affonso seu irmão em caso que fosse contra seu juramento, e menagem, não quiz estar inteiramente pelo testamento del-Rei seu padre, antes como Reinou logo pedio as ditas Villas, e Fortalezas a suas irmãs, dizendo: «Que El Rei seu padre lhas não podia dar, que era em mui grande diminuição do Reino, e que era sobresso concedido privilegio do Papa Alexandre Terceiro, por o qual as cousas do Reino senão podiam dar a alguma pessoa nem emlhear, e que assás lhe leixara a ellas nos maravedis douro, e prata de seu testamento com outras cousas, que tinham de suas fazendas.

E sobre este requerimento El-Rei, e a Rainha, e as

Ifantes suas irmãs por lhe darem reposta, pediram dias de liberação, dentro dos quais ellas se recolheram logo com a Ifante Dona Branca sua irmã ao Castello de Monte mór, e o bastecêram, e fortalezaram, e deshi se emviaram logo aggravar ao Papa Innocencio III que ficára por executor do testamento del-Rei seu pai, e por esso lhe leixou o dito Rei D. Sancho seu pai cem marcos douro, e assi o fizeram ellas mais saber ao dito Rei de Lião com que a dita Rainha Dona Tareja fora cazada, e era apartada delle pela Egreja, de que houveram logo ajuda, e soccorro, a que por seu mandado veo logo o Ifante Dom Pedro seu irmão dellas filho del-Rei Dom Sancho o que depois passou a Marrocos, e trouxe aos ossos dos Martyres, e assi veio ao dito soccorro, e ajuda o Ifante Dom Fernando filho da dita Rainha Dona Tareja, e del-Rei Dom Affonso de Lião, e assi veo em sua companhia Dom Pedro Fernandes de Castro o Castellão, aquelle que em companhia dos Mouros foi prezo em Portugal, e logo solto, e depois passou, e morreo em Marrocos, e com alle veo muita gente, que foi nos estremos de Portugal, donde enviaram ás ditas Villas, e Fortalezas de Monte mór, e Alanquer aquella que comprio para defenção dos Castellos, e para resistencia del-Rei Dom Affonso de Portugal, o qual por sentir muito o insulto tamanho dos estranhos, e tão grande desobediencia dos seus naturaes, veo logo á dita Villa de Monte mór, e por algumas vezes requereo a suas irmãs, e principalmente a Dona Tareja, cuja era, que houvesse por bem de desistir de seu alevantamento, e quizesse que o Castello se entregasse a algum homem de que ambos se confiassem para o ter em boa guarda, e fieldade, e que de sua fazenda delle lhe faria dar todas dispezas, e mantimentos para esso necessarios, e que este arrecadasse inteiramente para ella todas as

rendas, e direitos da Villa, mas que as menagens fossem feitas a elle, o que ella nunca quiz fazer, antes se diz que consentio, que os de dentro em desprezo, e por injuria del-Rei seu irmão calando o nome do Reino, e del-Rei de Portugal a que deveram acatar, e obededer, envocaram, e chamaram o nome de Lião, que repetiam muitas vezes, e que outro tanto mandou fazer a Ifante Dona Sancha no Castello Dalanquer, e por tanto El-Rei temendo perder os ditos Castellos os mandou cercar, e combater, e com a gente do cerco, que sobreveo se seguiram nelles, e em seus termos pela condição da guerra muitas mortes, e danos de uma parte, e da outra, pelo qual os Ifantes, e Senhores, que com a gente do Reino de Lião, que disse entráram em Portugal tomáram Valença do Minho, e Melgaço, Algozo, e Freixo, e outros Lugares chãos que roubaram, e queimaram, em que fizeram muto mal.

CAPITULO III

Como foi pelo Papa procedido contra El-Rei D. Affonso por causa da contenda que havia com suas irmãs, e como finalmente foram concordados

E SOBRE esso para mais tormento del-Rei Dom Affonso de Portugal vieram de Roma por juizes Delegados do Papa a requerimento das Ifantes o Arcebispo de Santiago, e o Bispo de Çamora, que por El-Rei de Portugal ir contra o testamento del-Rei seu padre, e por não desistir do cerco, que tinha posto aos Castellos de Monte mór, e Alanquer, excommungou sua pessoa, e pozeram entredicto geral em todo o Reino, exceituaram sómente as ditas

Ifantes, e seus sequazes, e servidores, sobre o qual El-Rei Dom Affonso com rezões, e cousas que achou, e lhe aconselharam de sua justiça se enviou destes procedimentos querelar, e aggravar ao Papa, e pedir emenda del-Rei de Lião, e dos que tinham as Villas, e Castellos de seus reinos forçados, e nelles feitos muitos danos, alegando sobre esso a pouca justiça que suas irmãs tinham nas Villas, e Castellos de seu Reino, com que se levantáram, e dando outras rezões, porque entendia ser relevado da culpa que lhe dava dizendo por sua escuza, que o não obrigava o juramento, e menagens, que fizera de comprir o testamento del-Rei Dom Sancho seu padre, porque o fizera forçado, e por não ser deserdado do Reino, e mais que a esse tempo seu pai não estava em todo seu sizo, e entender verdadeiro, pois tanto contra justiça fizera tamanho enlheamento das cousas do Reino, que não podia fazer.

E o Papa por seu respeito cometeu este negocio aos Abbades Despina, e Vicarria, que fez Juizes Commissairos, os quais vieram a Coimbra onde sobre segurança já praticada, e antre todos concordada, foram tambem juntos El-Rei Dom Affonso, e suas irmãs em pessoas a que os Juizes deram solene juramento porque prometeram estarem todos á obediencia, e detreminação de todo o que elles em nome do Papa ácerca de seus negocios detreminassem, e mandassem, e por este juramento, e promessa que se fez El-Rei, e os seus foram da excommunhão ausolutos, e alevantado o antredicto do Reino. Os Commissairos pozeram antre elles treguas, e seguridade, que todos prometeram guardar, até o Papa finalmente detreminar suas contendas, e debates, e algumas condições das tregoas principaes, eram que os de uma parte, e da outra podessem livremente andar, e tratar por as ter-

ras chans uns dos outros, mas que nas Villas, e Castellos cercados não entrassem sem licença dos Senhores dellas, e que tudo podessem, uns e outros comprar, e vender salvo armas, e cavallos, e que ellas Ifantes em algum seu Lugar de Portugal não podessem mandar lavrar moeda douro, prata, nem dalgum metal, que quatro Cavalleiros principais da parte del-Rei jurassem que se El-Rei não guardasse as tregoas que cada um delles com cinco Cavalleiros mais servissem as Ifantes contra El-Rei e cada uma das Ifantes désse outros tantos por si, que com esta condição servissem a El-Rei contra ellas, e mais que El-Rei désse cem homens cazados, e honrados de Coimbra, e que todos lhe fizessem, e pagassem foro, e outros cento semelhantes de Santarem, que jurassem todos fazer sempre comprir esta tregoa, e que não a comprindo El-Rei, que servissem ás Ifantes contra El-Rei, e que ellas por sua parte déssem outros taes, a saber: cento Dalanquer, e cento de Monte mór, para que se ellas não comprissem a tregoa, que servissem a El-Rei contra ellas, e que neste tempo uns, e outros, não cercassem Villas, nem Castellos, nem se fizesse algum mal, sopena de excomunhão, e antredicto, em que elles, e todos los ajudadores, e favorecedores ipso facto encorressem, e com mandado estreito aos Prelados do Reino, que a cada um assi como lhes tocasse as sentenças dos ditos alegados fizessem inteiramente comprir, e executar até o Papa finalmente as aprovar, ou emendar como fosse justiça.

Esta tregoa, se fez em Coimbra na era de nosso Senhor de mil e duzentos e quatorze annos, (1214) dous annos depois que El-Rei começou a Reinar, e logo ahi se fulminou e principiou processo em que a Rainha, e a Ifante cada uma per si segundo os danos que del-Rei seu irmão tinham recebidos, e pelas injurias, e ma-

les, que no cerco padeceram, pediam contra elle restituição, e assi segurança perpetua de suas Villas, e Castellos, e gram soma de maravedis, que naquelle tempo era moeda douro assi geral, e praticada como neste agora são na Europa os cruzados, e ducados, porque sessenta delles faziam um marco douro, como já em outras partes tenho dito, e ás petições das ditas Senhoras, veo El-Rei por seu procurador com exceições, e contrariedades, e compensações sobre que de uma parte, e da outra foi dito, e assás alegado, e sobre seus alegados foi o feito concruzo, e os Juizes remeteram a publicação da final sentença para Melgaço, Castello de Portugal no extremo de Galiza, a que mandaram que El-Rei, e as Ifantes fossem por si, ou por seus procuradores, onde no Maio seguinte a publicaram, e foi El-Rei condenado por a dita sentença em grande soma de dinheiro, e doutras emendas, e depois que passou o termo para a paga, assinado, pozeram em El-Rei sentença Dexcommunhão, e assi antredito em todo o Reino, de que logo apelou, e depois de muitos debates, e delongas, que em Roma, e Espanha sobre este caso passaram, que não fazem a realidade da Estoria, finalmente El.Rei, e as irmãs se concordaram por maneira, que as Villas de Monte mór, e Alanquer ficaram com ellas segundo a disposição do testamento del-Rei Dom Sancho seu pai, e as Villas e Castellos, e terras de Portugal, que El-Rei de Lião tinha tomadas foram entregues, e restituidas a El-Rei Dom Affonso. No qual meio tempo que durou esta divisão, e discordia uns e os outros fizeram grandes, e danosas entradas, e muitos roubos nos Reinos, uns dos outros, em que houve pelejas particulares sem alguma façanha de notar, cuja longa, e expressa declaração não ponho ora; porque para a sustancia da Estoria não é muito necessaria.

CAPITULO IV

Do fundamento que houve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ser cercado, e tomado dos Christãos, e do Bispo de Lisboa principalmente

Nos primeiros cinco annos que El-Rei Dom Affonso Reinou não se acha, que socedessem outras cousas, salvo as desavenças, e desacordos em que andou com suas irmãs, e irmãos e assi a guerra com El-Rei de Lião, e com suas gene tes como já disse, e passados os ditos cinco annos, e andando a era de nosso Senhor em mil e duzentos e dezasete annos os Christãos, que estavam na conquista dultra már por defenção, e recobramento da Terra Santa, tinham muitas necessidades de concorrer ás cruas guerras, e cercos apertados, que dos Infieis padeciam, para o que os Summos Pontifice convocavam, e requeriam todolos fieis Christãos de todalas nações, e vindo por mar a este soccorro muitas gentes Dalemães, e Framengos, e outras de contra o Norte fizeram todos uma frota de cento e cincoenta naos de que eram Capitães principaes Iliquino, Conde Dolanda, e Georgeo, Conde de Frisa, com que iam outros Senhores, e grandes homens, e sendo em mar, em través de Portugal para demandarem o estreito de Cibraltar deu na frota tão grande, e tão contraria tromenta, que algumas naos dellas se perderam, e outras correram ao Cabo de S. Vicente até a Villa de Farão, a qual com toda a Comarca, e Reino do Algarve ainda eram Mouros, e porque o vento contrairo, e assi a terra de imigos, em que estavam, não lhes traçavam bem para sua segurança, elles para dos danos, e perdas recebidas se poderem milhor repairar

fizeram volta, com fundamento de se virem ao porto de Lisboa.

Sendo outra vez em mar, deu nelles outra tromenta mais aspera, e de maior perigo que a primeira, em que já tambem perderam algumas naos com toda a gente que nellas vinha, e a outra frota depois que a tromenta cessou, e sobreveo bom vento de viagem, entrou toda via, e veo surgir ante a Cidade de Lisboa, e os Capitães della assás tristes, e anojados, pelas grandes perdas de gentes, e doutras cousas, que no mar tinham perdidas, e sahindo logo Capitães com pouca gente em terra, o Bispo, que então era de Lisboa chamado Dom Matheus, sabendo que eram Christãos os recebeo, e tratou com muita honra, e bom acolhimento, segundo a bondade de uns, e as necessidades dos outros requeria, de que o Bispo logo soube o proposito com que vinham, que era por soccorro, e ajuda da Caza Santa. E dahi a poucos dias este Bispo de Lisboa porque era Prelado de mui bom espirito, e grande coração, depois de ter juntos com seus rogos, e boa humanidade os principaes destes Estrangeiros lhe disse.

«Honrados, e devotos Senhores, Deos sabe que a mim peza muito de todolos nojos infortunios, que passastes, e o remedio por agora não é outro salvo paciencia do passado, e esforço, e bom coração para o que mais vier, vós vedes bem, quanto vos é contrairo o tempo para seguirdes vossa proposta viagem, e desto por vossos Pilotos, e mariantes podeis ser milhor certificados, póde ser, e eu assi o creo, que Deos o premite assi para alguma cousa de seu louvor, e serviço, e tambem de nossas honras, e proveito, e esto digo porque aqui junto ha um Castello em poder de Mouros, que dizem Alcacere, de que esta terra toda que é de Christãos recebe muito dano; se vos prou-

ver pois este feito, não é estranho doutros, que emprendestes, e a que his ajudarnos nelle, assi como vejo que podeis fazer, e com vossa gente, e ajuda de Deos principalmente, o ganharemos dos infieis, e pois a obra, e o serviço é de Deos, elle por sua grandeza, e piedade vos dará delle bom galardão, e nestas cousas sómente que tocam a vossa honra, e salvação, aconselhai-vos com sizo, e com a devoção, e não com a vontade carnal, porque assás de vergonhosa cousa será publicardes pelas bocas bom dezejo para o servir, e as obras, que são tão possiveis serem disso contrairas, e pois o lugar, e tempo se offerecem agora tão despostos rogo-vos que elles não vos passem com ociosidade, ca bem creo, que bem sabeis que ella é fundamento de todolos peccados, e sepultura dos homens vivos, e corrução de todolos costumes, e propositos virtuosos, e pois em vossos sobre sinaes que trazeis mostraes serdes devotos, e servidores da Cruz, assi tambem é rezão que sejais imigos dos imigos della, e vossas mãos fortes deem agora verdadeiro testemunho da bondade, e fé de vossos corações, e esta tomada de Alcacere, para que vos convido, e requeiro, será com a graça de Deos assás possivel, se vós com vossas pessoas, e frota quizerdes ajudar a nós, que com outra gente do Reino vos seremos em todo fieis, e bons companheiros.»

Estas palavras, e outras muitas a estas conformes disse o Bispo aos Estrangeiros, alguns dos quais depois de haverem antre si seu acordo, e conselho tiveram oppinião contraira, e se partiram, e outros, que foram os mais consentiram na proposição, e requerimento do Bispo, e lhes aprouve ser na ida sobre Alcacere.

CAPITULO V

Como Alcacere foi cercado, e com que numero de gente Portuguezes e tambem Estrangeiros

AQUELLES Estrangeiros que foram dacordo com os Portuguezes de irem sobre Alcacere se recolheram logo ás suas naos, e sendo aparelhados do que lhes compria no mez de Setembro, se foram, e seguiram a barra de Setuvel, que neste tempo era Lugar pequeno, e não era cercado, em que pescadores sómente viviam, e da gente de Portugal se acha que foram estes Capitães principaes, a saber este Dom Mateus, Bispo de Lisboa, e Dom Pedro Mestre da Ordem da Cavallaria do Templo, e Dom Mestre Gonçalo, Prior do Esprital, e Martim Barregam, Commendador de Palmella, e estes levaram comsigo da terra, Comarca de Lisboa, e de Evora, e de seus termos vinte mll homens, de que os mais eram de pé, e alguns de Cavallo, e não se acha que El-Rei Dom Affonso, que então Reinava em Portugal, fosse neste exercito em pessoa no qual tempo parece que elle deveria ser doente, ou empedido por alguma outra urgente causa, porque não pôde ser neste feito, e haveria por bem, e mandaria que se fizesse prestes, como se fez, ca não é de crer, tamanho feito sem seu mandado, e authoridade se cometesse, e o que se neste caso achou, é que os Estrangeiros em navios, que poderam ir, foram de Setuvel pelo rio acima até junto Dalcacere, onde saindo alguns para tomar uvas, os Mouros, que da sua ida eram já bem avizados, com armas lhe foram resistir, em que houve algum acometimento de peleja, de que um Mouro se diz que fi-

cou morto, e os outros se recolheram ao Castello, e os Estrangeiros surgindo com seus navios mais ávante poseram defrònte da Villa suas pranchas, e sem resistencia sairam em terra, e logo elles, e os Portuguezes que já tambem eram chegados, juntos com devida deligencia e resguardo cercaram o Castello de maneira que alguma pessoa não podia sair, nem entrar sem conhecido perigo; mas os Mouros posto que com tanta estreiteza se vissem cercados não mostravam ter por esso desmaio, nem temor, vendo que o Castello em que estavam era de muros, Torres, barreiras, e a cava mui forte, e bem provido, e acalcado de muitas gentes, e armas, e mantimentos para grandes tempos, e por milhor senefiçança aos de fora de seu esforço, e confiança, poseram muitas bandeiras por cima do muro de que em sinal de desprezo diziam feas palavras, e davam suas costumadas gritas.

E os Christãos leixaram boa guarda sobre sua frota, que com gentes, e armas ficou no porto bem segura, e sobre esso uns, e outros fizeram logo combater o Castello, e vendo que pela larga, e alta cava com que o muro era em torno valado não poderam bem chegar aos muros, e cortaram tantas arvores de fruito, e juntaram tanto outro mato que sendo igual a cava com a terra de fóra podessem mais sem trabalho chegar aos muros, mas os Mouros aconselhados das necessidades e perigos em que se viam, lançaram de cima tanto fogo, com tantas cousas temperado, que a lenha da cava ardeo logo toda, por cujo impedimento leixaram logo de combater, e apoz esto ordenaram os Christãos um engenho para com pedras destroirem o muro, mas sua fortaleza de dentro era tal, que dos seixos de fóra lhe dava muito pouco, pelo qual tornáram a lançar tanta lenha na cava, com que foi chea, e tal guarda se poz, que não foi dos Mouros

queimada como elles logo tentaram, por cima da qual os Christãos chegados ao muro deram um combate a que os Mouros com seu grande esforço, e muitas armas resistiram de tal maneira, que afastaram os Christãos dos muros, em que de uma parte, e da outra houve assás mortos e feridos

CAPITULO VI

Dos Reis Mouros, que vieram por soccorro da Villa de Alcacere, e da primeira batalha que deram, em que foram victoriosos

Os Christãos, que tinham cercado Alcacere, e os Mouros que nelle eram cercados tinham antre si diversos pensamentos, ca uns consultavam engenhos para brevemente tomar, e os outros artificios para se delles pefender, e tambem não leixavam de buscar, e consultar conselhos, e remedios para com soccorro serem descercados, sobre que tinham feitos seus avizos a quatro Reis Mouros, que eram na Espanha, a saber El-Rei de Sevilha, El-Rei de Cordova, El-Rei de Jaem, e El-Rei de Badalhouse, os quaes para este soccorro, e descerco foram pôr seu arraial ao lugar que chamam Sitymos, que é uma legoa Dalcacere, de cuja vinda sendo os Christãos logo sabedores foram postos em temeroso pensamento. E não era sem causa, segundo verdadeira certidão que houveram, ca traziam comsigo por terra quinze mil de Cavallo, e oitenta mil de pé, e pelo mar dez Galés bem remadas, e aparelhadas.

Mas aquelle alto Deos, que sobre todos tem o poder, não quiz em tanto perigo e necessidade desempa-

rar os Christãos, que por sua fé emprenderam, sostinham esta demanda, porque por uma sua permissão piadosa arribaram a este porto, tambem na paragem de Setuvel trinta e seis naos de uma Cidade que dizem Trageito, com gentes Christãs, nobres, e de bom esforço, que iam áquella Conquista dultramar, que disse, os quaes em suas bandeiras traziam sinaes de S. Martinho, porque a jurdição daquella terra donde vinham era do Bispo daquella Cidade; da frota era Capitão mór Dom Anrique de Nehusa, o qual leixando suas naos com aquella segurança e resguardo de gente que compria, elle com a outra em bateis, e navios piquenos se foi ao arraial de Alcacere, onde dos Christãos foram com muita alegria de grandes louvores recebidos, e todos logo acordaram de valar o arraial em torno com valos altos e fortes para resistencia dos Reis Mouros, que vinham, e aqui se diz, que alguns Estrangeiros da primeira frota aconselhavam e requeriam aos outros da sua companhia, que se partissem em paz, e não esperassem o perigo da batalha, escuzando sua covardice torpe, com dizerem, que quando de suas terras partiram, seu voto e proposito não foi pelejar se não com aquelles infieis que tinham tomada a terra de Jerusalem, e o Santo Sepulchro, e que alguns Portuguezes, em que não havia verdadeira Fé, nem bondade de coração concordavam com elles, dando por voto covarde, que era bem de descercar o Lugar, e leixalo sem contenda, e posto que destes houvesse alguns com suas mostranças de tão vituperada fraqueza, havia porém outros muitos cuja santa, e virtuosa contraridade esforçou, com que determinaram não descercar o Castello, e confiando em Deos esperar a ventura que lhes viesse, pelo qual fizeram logo seu alardo, e de gente de pé bem armada, e bem disposta para pelejar, se diz que acharam comsigo muita, mas gente

de Cavallo se affirma que escassamente refizeram trezentos.

E os Reis Mouros para comprimento do proposito com que vieram, acordaram que com a maiar força que nelles houvesse viessem logo ferir no arraial dos Christãos, e que tambem as suas Galés, que tinham já tomada uma nao de Portugal com duzentos homens e jazia na entrada do porto de Setuvel, juntamente pozessem fogo á frota dos Christãos, que jazia sobre amarra, mas os Christãos receosos deste dano, e avizados já para esto, pozeram tal guarda e defenção na frota, que os Mouros o não cometeram, e foi sempre delles segura, e uma segunda feira como foi manhã sairam do arraial dos Mouros cinco de Cavallo corredores, e como chegaram, e viram o assento do arraial dos Christãos logo volveram ao seu, e sobre esto abalou todo junto o seu Exercito em que havia tantas gentes, que toda a terra cobriam, trazendo comsigo tão grande estrondo de alaridos, e gritas, e com tantos sons de trombetas, e ontros desvairados instrumentos, que a qualquer coração por abastado de esforço que fora não leixára de tocar de grande medo, e muito espanto, pelo qual os Christãos havendo-o assi por milhor, sairam a elles de suas estancias, postos em suas batalhas ordenadas, e com muita ardideza uns aos outros logo se cometeram, e feriram, em que da uma parte, e da outra houve cruel, e bem ferida peleja com mortes, e feridas de muitos, e daquella vez se diz que os Mouros levaram a vantagem da batalha, com a qual se recolheram em seu arraial.

CAPITULO VII

Da segunda batalha que houve sobre Alcacere, e como os Reis Mouros foram vencidos, e feito grande estrago em suas gentes

Os Christãos vendo para o fim que vieram um começo tão contrairo, e que a força Dalcacere se fazia cada vez mais forte, e a elles tirava toda esperança de por força o cobrar, não leixávam de murmurar, e apontar que seria bom irem-se, e por aquella vez leixar o cerco, e o Bispo de Lisboa, que na gente dos Christãos era pessoa de mór credito, e mais principal, sentindo na noite seguinte a temerosa e fraca murmuração, que em todo o seu arraial havia, elle em prezença dos mais que por então se poderam ajuntar lhes disse. «Honrados Senhores e amigos, esta desaventura, e grande mal de que todos estaes espantados, não veo sobre vós das forças, nem das armas dos nossos imigos, mas cauzou se da grande presunção, e muita confiança que de vós mesmos e de vossas forças, e multidão de gentes logo tomastes, esquecidos em todo, da só, e principal ajuda de Nosso Senhor, e Salvador Jesu Christo, que se nos agora aqui faleceo foi para o milhor conhecermos, mas pois já aqui viemos, e somos mui fortes para armas, e temos gentes, e estamos bastecidos de mantimentos, não queiraes desconfiar, porque esta aversidade a potencia de Deos a permite para crara esperiencia de maior nossa fé, e mais merecimento de nossas almas, mas brademos, e clamemos de coração ao Senhor Deos, e com efficacia, e devação, que nossas necessidades requerem lhe pessamos que esta sua ira, se contra nós,

por nossos peccados a tem, a queira converter em nossos imigos, e cada um com os giolhos em terra diga por si como eu digo por mim: Senhor Deos Padre das misericordias, e grande ajudador nas tribulações ex as muitas nações de tantos infieis vieram para nos destroir, pois como duraremos ante a face delles se nos tu Deos não ejudas, e pois assi é Senhor agora não ponham ante ti a lembrança de nossos malles e peccados, nem tomes de nós aqui vingança por elles ante estes imigos de tua Santa Fé, tu por tua bondade, e potencia os dá nas mãos, e poder de teus servos, por tal, que os que em ti crem louvem mais o teu Santo nome».

No cabo da qual Oração, que todos devotamente, e com muitas lagrimas o seguiram, se diz que por consolação dos Christãos logo appareceo pubricamente no Ceo um maravilhoso sinal por bemaventurado prognostico, a saber, um homem resplandecente, como Sol, e alvo como uma neve, e no peito trazia o sinal da Cruz vermelha mais luzente que as Estrellas, com que os Christãos, que craramente o viram foram mui alegres e esforçados, crendo que Deos era em sua ajuda, e com este prazer e alegria, que geralmente todos conceberam, já com seu temor dormiram assocegados aquella noite, e ao outro dia como foi manhã o Bispo, como era homem em que havia prudencia, e bom esforço, para se não esfriar o alvoroço que sentio nos Christãos com a longura dalgum tempo, falou logo ás gentes do Exercito que o podiam ouvir dizendo: «Senhores amigos bem vistes todos o grande e maravilhoso sinal que para não temermos, e sermos esforçados Deos Nosso Senhor tão pubricamente nos quiz mostrar, e por esso já seria muita nossa fraqueza, e grande mingoa de nossa Fé tardarmos mais para a segunda batalha, mas com o esforço de Deos, que te-

mos presente, e com ajuda, e preces dos Santos Martyres Proto, e Jacinto, cujo dia hoje é, vamos logo ferir nos imigos, ca pelo melhoramento da vitoria, que contra nós houveram, agora os acharemos mais repouzados, e menos percebidos».

Pelo qual os Christãos postos em suas batalhas bem concertadas, com grande ousadia, e sem sinal dalgum medo sairam, e foram dar no arraial dos Mouros, e assi duramente os cometeram, e tão cruamente os feriram, e foram tão cortados, e trovados de medo, que parecia não terem armas para pelejar, nem forças para resistir, e desacordados se diz, que elles mesmos uns aos outros se feriam, e matavam, e se espedaçavam com os pès dos Cavallos, e que outros com medo da morte duvidosa a tomavam certa no rio, que era junto em que se lançavam, e afogavam, e vendo-se os Reis Mouros, e suas gentes assi salteados, e vencidos não tendo já alguma esperança em sua resistencia, nem peleja, procuraram buscar sua salvação na fogida, em cujo alcance os Christãos matando, e ferindo seguiram, em que se affirma que dos quatro Reis que alli vieram, dous delles sem se dizer quem eram, foram mortos, e com elles trinta mil Mouros mais, e com esto recolhendo o muito, e mui rico despojo, que acharam no arraial dos Mouros, os Christãos se tornáram mui alegres a seu cerco, que tinham posto sobre a Villa, dando todos muitas graças e louvores ao Padre nosso Senhor, que de sua mão deu esta vitoria, que foi a onze dias de Setembro do sobredito anno de mil duzentos e dezasete annos, (1217) dia dos ditos Martyres Proto, e Jacinto, á certidão da qual vitoria, como foi dada aos infieis, que para este descerco eram em sua frota postos no mar elles desacordados, e tristes se partiram, onde se diz que se perderam alguma parte de seus navios, e de suas gentes assás nelles.

CAPITULO VIII

Como os Christãos combateram e tomaram o Castello Dalcacere

Os Christãos por esta vitoria ficaram alegres, e mui esforçados, depois de consultarem sobre a milhor maneira que teriam para tomar a Villa, fizeram duas escadas grandes, e com gente darmas que comprio foram logo juntas ao muro para o entrarem, e comessarem de combater o Castello; mas os Mouros com a necessidade que tinham de salvar suas vidas, dobráram suas forças, pelo qual assi com fogo, com pedras, e traves, e setas, que de cima do muro lançavam, afastaram os Christãos longe do muro, em que da uma parte, e da outra foram muitos mortos, e feridos, e porque os Christãos viram que aquella qualidade de combate por a grande fortaleza, e desposição dos muros lhe não socedia como dezejavam, fizeram logo cavas, e minas por baixo da terra para as poerem debaixo dos muros, e postos em contos os derribarem por fogo; mas os Mouros que desto por avizos, ou por conjeituras foram bem sabedores contraminaram as cavas dos Christãos, e uns, e outros com peleja mui crua se encontraram, em que houve muito sangue derramado, e com grandes fogos, e cousas fumosas que os Mouros fizeram, lançaram os Christãos fora das cavas, e pozeram sobre si segura guarda, pelo qual vendo os Christãos que alguma cousa das cometidas de todo lhes não aproveitava, elles, por conselho, e ordenança do Capitão da frota, que era homem engenhoso, e de bom esforço, fizeram logo duas bastidas de madeira muito fortes, e tão altas que cada uma dellas sobejava por cima das mais altas Tor-

res do Casteilo, donde os combates que nellas poseram iam seguros, e não temiam os danos dos Mouros, e com esto, e com outros engenhos que mais ordenaram, e com muitos bésteiros, e frecheiros commetteram o Castello rijamente por muitos lanços do muro, por cima do qual os Mouros com a força das setas, e pedras que lhe lançavam, não ouzavam parecer nem resistir como dantes faziam, e vendo-se fracos de suas forças, e desesperados já em tudo, de todo o soccorro, e finalmente porque se não podiam suster, fizeram sinal que se queriam render, e sobre seguro, que lhes foi dado, vieram á pratica, e apontamento, em que pediram as vidas, e fazendas, mas as vidas sómente lhe foram outorgadas com segurança das quaes elles abriram as portas do Castello, e assi seguros se sahiram, e foram para onde quizeram, e o Alcaide do Castello, que antre elles era a pessoa mais principal, não se quiz ir com os outros, mas acha-se que da tomada da Villa, a tres dias por sua vontade foi bautizado, e tornado Christão, e os outros Mouros que os Christãos acharam pelas Aldeas, e Lugares de redor todos, se diz que sem resistencia morreram a ferro, e os grandes despojos que da batalha passada se recolheram, e na Villa se acharam foram logo igualmente repartidos sem aventagem dalgum, salvo que ao Capitão de fóra, porque por seu conselho e ordenança o cerco fora sempre regido lhe deram mais déz por prezioneiros, que elle tomára.

E porque ao Bispo de Lisboa não foi sobre elles dada alguma avantagem, que bem merecia, o Capitão da frota a que tal escasseza não pareceo bem, por seu conforto lhe disse: «Reverendo Bispo, posto que vós aqui pelo bem recebeis mal, e pela bondade malicia rogo-vos que a estes homens, que tão mal o conhecem, e fazem sejais paciente, porque o principal ga-

lardão que por este trabalho mereceis Deos nosso Senhor que é bom, e justo, e porque bem o recebestes volo dará bom no Ceo, e será melhor que este de cousas da terra». E com esto os Estrangeiros se recolheram a suas frotas, e se partiram para onde quizeram, e o Bispo com os senhores Portuguezes, que ao cerco vieram depois de leixarem a Villa afortalezada, e bastecida, como viram que compria, tambem se tornaram para suas terras, e cazas, e esta tomada de Alcacere em tempo deste Rei Dom Affonso II foi em dia de S. Lucas, a dezoito do mez de Outubro da era de nosso Senhor de mil duzentos e dezasete annos, (1217) e dahi a um anno este Rei Dom Affonso com a Rainha Dona Orraca sua molher lhe deo foral que agora tem, como por elle parece.

CAPITULO IX

Como cinco frades Italianos da Ordem de S. Francisco foram a Marrocos a prégar a Fé de Christo, e primeiramente chegaram a Sevilha, que era de Mouros

Desta tomada Dalcacere até o falecimento d'El-Rei Dom Affonso se passaram seis annos, nos quaes se não acha feito que elle fizesse, nem se passasse cousa dina de memoria, salvo que depois em sua vida, e da dita Rainha Dona Orraca sua molher, o Ifante Dom Pedro seu irmão filho tambem legitimo del-Rei Dom Sancho trouxe a Coimbra os ossos dos cinco Frades Menores que em Marrocos morreram Martyres, cujo corpo segundo a Lenda Santa, que delles se lê, e segundo o que mais folles

verdadeiramente se acha foi brevemente nesta maneira. Na Coronica del-Rei Dom Sancho pai deste Rei, falando dos filhos que teve sumariamente disse: que o Ifante Dom Pedro, seu filho, o qual bem acompanhado de nobre gente Despanha passara em Africa, e estivera em muita estima, e grande authoridade com Mirabolim de Marrocos, até o tempo do Martyrio destes Santos Frades, dos quaes se acha por a dita sua Lenda, e por inquirição verdadeira, que o sobredito Dom Matheus, Bispo de Lisboa, delles, e do seu Martyrio, e milagres tirou por testemunhos de muitos, dinos de fé, que com o dito Ifante andaram, e principalmente por um Cavaleiro de Santarem que chamavam Estevão Pires, homem velho, e honrado, e de louvada vida, e costumes que ao dito Ifante sempre servio, que na era de nosso Senhor de mil duzentos e dezanove, (1219) e aos treze annos da primeira conversão de S. Francisco, elle por vontade de Deos, escolheo em sua vida seis Frades de sua Ordem por natureza Italianos, e de maravilhosa santidade, a saber: Frei Vital, e Berardo, Otone, Acurcio, Pedro, e Adjuto, e por saberem bem a lingoa Arabiga os mandou ao Rei, e Reino de Marrocos, que naquelle tempo sobre os Mouros Dafrica, e Despanha tinha o mór Principado, para lhe prégarem, e trabalharem pelo converter á Fé de Christo.

E destes seis Frades fez maioral, e Prelado a Frei Vital, o qual como elle com os outros chegassem ao Reino Daragão adoeceo; e porque vio que sua doença se prolongava por tal que seu mal corporal, o bem, e negocio espiritual, e de Deos não impedisse, mandou que por comprirem o mandado de Deos, e de S. Francisco se fossem a Marrocos, os quaes por sua obediencia o leixaram doente, e se partiram, e chegeram á Cidade de Coimbra onde a esse tempo era

a Rainha Dona Orraca molher deste Rei Dom Affonso, a qual os fez ir ante si, e como falasse com elles em cousas de Deos, e nelles visse tão grande desprezo do mundo, e tamanho fervor de morrer por amor de Jesu Christo, e sem duvida os julgou, e houve por mui verdadeiros, e prefeitos servos de Deos, e por esso com grande instancia lhe rogou, que por suas rogações pedissem a Deos que revelasse a ella o derradeiro termo de sua vida, e posto que elles com sua humildade confessassem não ser dinos entender nos segredos de Deos: porém vencidos das devotissimas preces da Rainha, ditas com muitas lagrimas, prometeram-lhe que assi o pediriam, os quaes orando a Deos com firme, e pura fé, não sómente o que da vida da Rainha, mas ainda o seu Martyrio, por revelação de Deos lhe foi tambem senificado, porque logo disseram que os derradeiros dias da vida da Rainha seriam mui sedo quando seus corpos depois de seu Martyrio, fossem de Marrocos ali trazidos, e della mesma Rainha, e de todo o povo com grandes honras recebidos, e assi foi como se dirá.

Partidos os Frades de Coimbra para seguirem sua santa jornada, vieram por aviamento da Rainha Dona Orraca á Villa Dalanquer, onde estava a Ifante Dona Sancha, irmã de -Rei Dom Affonso, que era Senhora da dita Villa, a que tambem revellaram todo o seu proposito; como ella foi Princeza mui santa, aprovando seu negocio ella sobre os habitos da sua Religião que elles traziam lhes deu outras vestiduras seculares, taes, com que mais livres, e facilmente podessem passar a terra de Mouros, e assi com seus habitos desimullados foram á Cidade de Sevilha, que então era de Mouros, onde na pouzada de um Christão, leixados os habitos leigos, por oito dias estiveram escondidos, e acertou-se que em um dia fervendo seu espiri-

to para Martyrio, elles sem guia, nem conselho doutros se foram á principal Mesquita dos Mouros, e como em ella quizessem entrar os infieis, que os viram, e conheceram, endinados contra elles com empuxões, brados, e açoutes, que lhe deram, e por instituto, e costume os não consentiram entrar, e dahi indo-se ás portas del Rei, e sendo ante as ditas portas dos Paços foram levados ante El Rei, e perguntados quem eram? Responderam: que vinham a elle Rei por Embaixadores, e enviados do Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores, que era Jesu Christo, e como ante El-Rei muitas, e mui dinas cousas da Fé Catholica proposessem aconselhando-o para sua conversão, e para receber agoa do santo Bautismo, e com esso muitas couzas feas, e torpes de Mafamede, e de sua seita descobrissem, El-Rei endinado de grande ira contra elles lhes mandava cortar as cabeças, mas amançado por palavras de um seu filho, que era prezente, os mandou meter em uma Torre mui alta junto dos Paços, de cuja altura aos que entravam, e sahiam da caza del-Rei, elles não leixavam de prégar em altas vozes a Fé de Christo, e brasfemar, e mal dizer da Seita de Mafamede, cujos seguidores, e favorecidos diziam que no inferno seriam com tormentos para sempre danados, e anojado El-Rei de suas palavras, e para lhe arredar o azo de as não poderem dizer, os mandou meter no mais profundo da Torre, donde por concelho dos seus vassallos os mandou tirar, e levar a Marrocos em companhia de Dom Pedro Fernandes de Castro o Castellão, de que atraz disse, e ao diante direi, que por odios, e perseguições dos Condes de Lara, não se pode soster em Castella, e duas vezes se passou aos Mouros, e desta derradeira para Mirabolim de Marrocos.

CAPITULO X

Como os Frades chegaram a caza do Ifante Dom Pedro, e do que logo fizeram, e como foram tornados a Ceyta para virem a terra dos Christãos, e dahi se volveram outra vez a Marrocos

Neste tempo estava em Marrocos o Ifante Dom Pedro, filho del Rei Dom Sancho, e irmão deste Rei Dom Affonso, a cuja caza os ditos Frades, e o dito Dom Pedro Fernandes logo chegaram, e o Ifante os recebeo com humanidade, devação, e bom trato, e os proveo de todo o que haviam mister, porque era Principe em virtudes mui acabado, e os Frades como dahi em diante viam quasquer Mouros logo com muito fervor lhes prégavam, especialmente um dia Frei Berardo, que delles era o mais principal, e milhor sabia Arabia, sobindo em um carro, ou lugar alto como pulpito, e prégando a Fé de Christo a muitos Mouros que o ouviam acertou-se que o Mirabolim ia visitar, como tinha de costume, a sepultura dos Mouros Reis, que eram fóra da Cidade, e vendo o Frade prégar, e por elle ser prezente não querer desistir da prégação á sua seita contraria, estimando-o por homem sandeo, e por tirar escandalos mandou, que elle com todos os Frades fossem logo lançados fora da Cidade, e sem tardança levados a terras dos Christãos, pelo qual o Ifante Dom Pedro havendo-o assi por bem lhes deu alguns seus servidores, que seguramente os levassem, como levaram até a Cidude de Ceyta, para dahi logo passarem a terra dos fieis.

Mas os Santos Padres não contentes da viagem leixáram as guias, que os levavam, e tornaram-se outar

vez a Marrocos, e como chegasseem á praça da Cidade logo aos muitos Mouros, que nella acharam começaram de prégar, louvando os merecimentos da Fé de Christo, e brasfemando dos vicios, e erros de Mafamede, e sua seita, da qual cousa como El-Rei fosse certificado os mandou logo meter em um estreito carcere, onde sem alguma ordenada provizão, nem mantimento dos homens, que houvessem, mas com a só refeiçao de Deos, que houveram. Vinte dias foram encarcerados asperamente, e neste tempo, porque em toda aquella terra sobrevieram mui grandes, e desordenadas quenturas do Sol, e grandes destemperamentos do Ar, alguns creram que estes males poderiam vir pela injusta prizão dos Frades, pelo qual por concelho de um Mouro chamado Abotorim, que aos Christãos tinha amor, e queria bem, El-Rei consentio que fossem livres do carcere, e trazidos ante elle, mandou aos Christãos que logo sem mais detença os mandassem a sua terra.

E porém El-Rei com os outros Mouros não ficaram sem grande espanto, quando viram os Frades tão esforçados dos corpos, e tão constantes das vontades, havendo vinte dias continos, que sem algum mantimento ordenado jouveram no carcere, e perguntados por El Rei: quem os mantivera tanto tempo? Lhe disse Frei Berardo, que como El-Rei bem crece na Fé de Jesu Christo logo saberia como elles sem beber, e sem comer foram no carcere manteudos. E com tudo elles como se viram soltos, logo sem algum medo outra vez quizeram tornar a pregar aos Mouros, mas os outros Christãos, que com elles estavam, receosos da ira del-Rei que com mortes, e cruezas, se estenderia nas vidas de todos, como mostrava; lho não consentiram.

Então lhe ordenaram logo outros homens fieis que os acompanhassem, e levassem outra veza Ceyta, para

dahi passarem a terra dos Christãos, mas os ditos Frades sospirando por seu Martyrio, despedindo-se daquelles que os levavam se tornaram outra vez a Marrocos, onde o Ifante os mandou logo recolher, e encerrar em sua caza com guardas, e defeza estreita, que os não leixassem sahir, porque receava segundo El-Rei de suas pregações se escandalizava, que não sómente mandaria matar os Frades, mas a elle, e a todos os christãos que houvesse na Cidade.

CAPITULO XI

De um milagre que se fez por causa de Frei Berardo, e como foram prezos e atormentados os outros Frades

E ACERTOU SE que o Mirabolim a este tempo mandou o Ifante Dom Pedro com outros muitos nobres homens de Christãos, e Mouros, que delle tinham soldo fazendo guerra, e sogigar a uns senhores Mouros seus vassallos, que se lhes rebelaram, apoz os quaes Frei Berardo, e os outros Frades, que tiveram maneira de se soltar, logo seguiram, e foram devolta onde se diz, que disputando Frei Berardo com um Mouro ante elles o mais letrado, e venceo, e confundio, e que este Mouro, com vergonha nunca mais tornou a Marrocos, nem depois não pareceo, e tornando o Ifante com os outros Mouros da conquista, que lhes fora encomendada, vieram por uma terra tão seca que por tres dias para si, nem pera seus cavallos não poderam achar em nenhuma parte agoa para beber, e como a estreiteza da sede desesperasse todos das vidas, Frei Berardo era na companhia, feita

primeiro sua dovota oração, tomou na mão um pequeno pao com que cavou um pouco na terra mui seca donde milagrosamente logo arrebentou, e sahio uma grande fonte de agoa doce, e mui singular de que não sómente os homens, e alimarias bebiam, c se abastaram, mas ainda encheram muitos odres, que levaram para o caminho.

E como esta necessidade dagoa foi satisfeita, logo a fonte se sarrou, e secou, e por tão grande, e tão manifesto milagre, que de todos foi visto, e Deos por Frei Berardo fizera, todos os do exercito dahi em diante o tiveram em grande devação, e reverencia, e muitos por Santo lhe beijaram os pés, e as vestiduras, e como estes Santos Frades tornassem a Marrocos, e em caza do Ifante fosse por elles posta grande guarda, para não sahirem, e elles toda via sairam, e em uma Sexta feira, que o Mirabolim ia visitar os sepulchros dos Reis Mouros, os Frades sem algum temor, e com grande ousadia se apresentaram ante elle, e sobindo Frei Berardo em um tezo começou de lhe prégar mui sem receio, e como El-Rei os visse, cheo de ira contra elles, mandou a um seu Capitão Mouro que vira o milagre dagoa, que logo lhes cortasse as cabeças, pelo qual os Christãos, que eram prezentes, com temor de suas proprias mortes, logo fugiram dahi, e fechadas, e trancadas bem as portas de suas pouzadas, nellas sem sair jaziam escondidos, mas o Principe Mouro mandou aos homens da justiça que trouxessem os Frades ante elle, e como por duas vezes o não achassem os tornaram a levar a mais aspero carcere com golpes, e bofetadas com que os feriam, e com esso os ditos Frades assi aos Christãos, que se lhe offereciam não leixavam de prégar a palavra de Deos.

E sendo outra vez trazidos ante o dito Principe, e

com tanta constancia os vião prégar, e confessar a Fé Catholica, e reprovar, e reprehender com muita ouzadia as couzas de Mafamede, e sua seita, acceso da ira contra elles os mandou logo atormentar com muitas, e mui desvairadas maneiras de tormentos, e depois apartar uns dos outros, e em desvairadas cazas onde cruamente os mandou açoutar, e aquelles maus, e crueis ministros atados os pés, e as mãos dos Santos, e com cordas asperas lançadas aos collos delles, e arrastando-os de uma parte a outra pela terra, assi continuadamente, e tão sem piedade os açoutaram, que as tripas lhe appareciam, e sobre as chagas recebidas por acrescentarem mais dor lhe lançavam vinagre, e azeite fervendo, e assi foram por toda a noite atormentados, e açoutados de trinta Mouros, que nelles se arrevezavam, na qual noite aquelles que os guardavam foi visto que um grande resplandor descendia dos Ceos, e com uma companhia sem conto os arrebatavam, e levantavam para cima, e maravilhados disso os Mouros, e de todo espantados, chegando ao carcere acharam os Santos Frades devotamente orando.

CAPITULO XII

Como El-Rei de Marrocos fallou com estes Frades, e por os não pòder converter a sua seita por si mesmo os matou, e como foram mòrtos tambem Pedro Fernandes, e Martim Affonso Telo, sobrinho do Ifante

As quaes couzas ouvindo El-Rei de Marrocos, acezo com maior sanha contra elles, mandou que logo lhe fossem levados com as mãos atadas, e descalços dos pés, e depois dos corpos continuadamente açoutados, e espancados, os quaes como El-Rei na Fé de Christo os visse tão firmes, mandou dentro meter comsigo certas molheres fermozas, e lançados todos fóra disse: «Convertei-vos a nossa fé, e dar-vos-hei estas por vossas molheres, e com ellas muito dinheiro, e sereis em meu Reino muito honrados.» A que os Frades logo responderam: «Tuas molheres, e teu dinheiro não queremos; porque tudo esto desprezamos por amor de Christo». E então El-Rei arrebatado de maior ira, e sanha, apartados os Santos um do outro, por suas proprias e mui cruas mãos a cada um per si talhou as cabeças por meio das fontes, e apertando na mão tres cutellos, juntamente com uma crueza de besta féra os degolou, os quaes compriram este seu Martyrio a dezaseis dias de Janeiro do anno de Christo de mil duzentos e vinte, (1220) em tempo do Papa Honorio III, em o quarto anno de seu Pontificado, e quasi sete annos antes da morte de S. Francisco.

E depois disto lançados fóra os corpos dos Martyres por as molheres, que comsigo tinham: estes perros barbaros e maos, atando cordas a seus pés, e mãos,

os arrastaram para fóra da Cidade, em torno da qual com grandes brados, e pregões os trouxeram, e espedaçados de todos os membros, os leixaram no campo, pelo qual os Christãos, que os assi viram, alevantadas as mãos aos Ceos, louvando a Decs por seu tão glorioso Martyrio, comessaram de apanhar, e recolher as Riliquias dos ditos Santos escondidamente, a qual couza como os Mouros vissem, todos como cães raivosos, tanta multidão de pedras lançaram nos Christãos, que parecia tempestade de sua raiva, mas os Christãos defezos já pelos merecimentos dos Santos, fugindo da ira dos Mouros a suas cazas se recolheram, donde com temor da morte, que antre si traziam, escondidos por tres dias não pareciam, principalmeute, porque neste tempo o Ifante mandou a Dom Pedro Fernandes de Castro, o Castellão, que lá era lançado, e a Martim Affonso Tello, seu sobrinho, nobres homens, que com outros muitos andavam em sua companhia, que de noite secretamente fossem ver onde jaziam os corpos dos Martyres para se recolherem, porque foram vistos, e achados dos Mouros, logo os mataram.

CAPITULO XIII

Como os corpos dos Martyres foram queimados, e despedaçados, e emfim recolhidos por devação, e industria do Ifante Dom Pedro

DEPOIS desto em um grande fogo, que foi feito no campo, os corpos dos Santos se lançaram por tal, que de todo fossem queimados, mas o fogo por virtude Divina das santas Reliquias assim se apartava, e apagava, como que a materia

muito lhe fosse contraira com junto, antes a cabeça de um dos Martyres lançada muitas vezes no fogo, nem nos seus cabelos não pareceo algum sinal de queimadura, a qual assi com a pelle, e cabellos foi mostrada sem alguma corrupção no Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, mas dos Mouros alguns por amizade, e outros por dinheiro, e proveito, e assi os Christãos, que na Cidade eram cativos, apanhando as Reliquias dos Santos as offereciam ao Ifante, que recebendo-as com grande devação as mandou secretamente cozer, e depois que as carnes se gastaram; e os ossos ficaram limpos, os mandou secar, e encomendou a guarda principal delles a João Roberto, Cónego de Santa Cruz, homem em virtudes acabado, e a tres innocentes, moços honestos, seus moços da Camara, dos quaes um foi o Estevão Pires de que atraz disse, que deu este estromento, ca não era algum ouzado entrar onde as sagradas Reliquias estavam em guarda, porque a só sua consciencia de qualquer crime ocultamente commetido logo o reprendia, e acuzava.

E neste tempo um Cavalleiro chamado Pedro da Roza, tendo uma manceba por nome Maria da Roza, como sobisse a um sobrado onde as Reliquias se guardavam logo elle sem se poder mover, e tolheito, bradou fortemente dizendo: «Acorrei-me, acorrei-me, daime confissão. A qual como o Conego lha deu, em que de todo renunciou a manceba, logo foi livre dos membros, e pode decer, mas não pode falar até que o mesmo Conego por mandado do Ifante lhe poz sobre o peito a cabeça de um Martyre, com que de todo recobrou as forças, e fala, assi como dantes as tinha, e dahi em diante, assi o Ifante como todos os seus tiveram as Reliquias em maior honra, e devação, das quaes mandou meter as cabeças em uma arca, e os ossos em outra, e as tinham em grande veneração

na sua Capela, e ás santas Almas dos Bemaventurados Martyres, cujas Reliquias tinha continua, e devotamente pedia, que de Deos lhe ganhassem graça para sem perigo de sua pessoa, e dos seus, se poder vir para sua terra de Christãos, porque já havia muitos dias que na dos Mouros contra sua vontade se detinha, e estava forçado.

CAPITULO XIV

Como o Ifante D. Pedro foi tornado a Espanha, e trouxe consigo os ossos, e Reliquias dos Martyres, e as mandou a Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres que houve no caminho

Esta graça pelas preces dos Martyres, foi da piedade de Deos brevemente empetrada, porque estando o Ifante desta sua liberdade assás desconfiado, o Mirabolim de sua propria vontade, e sem requerimento dalguem o mandou chamar, e alegremente lhe deu licença, que para sua terra se viesse quando quizesse, descobrindo-lhe logo as muitas vezes que para sua morte fora de seus principaes aconselhado, e induzido; mas por seus merecimentos, e bons serviços, que fielmente sempre lhe fizera, merecia outro galardão. E com esta licença lhe deu mais suas cartas de passos, para elle, e os seus seguramente poderem passar, com as quaes partiram de Marrocos, e depois de um dia, e uma noite, vieram no caminho dormir a Azora, que era lugar despovoado onde de ferozes brados dos muitos Liões, que ahi ha foram postos em temor de que logo foram livres, como ante si, e os Liões pozeram com devação, e confiança

as santas Reliquias, que por sua santidade fizeram tudo quieto, e ao outro dia chegaram a um Lugar em que se apartavam muitos caminhos, e duvidosos de qual era o melhor que tomariam, e o Ifante sospenço, e confiado na santa guia das Reliquias que acompanhava mandou dar a dianteira a uma Azemala que as levava, e houve por bem que aquelle caminho que ella tomasse, todos por milhor o seguissem esperando que elle seria o milhor, e mais seguro.

O que foi assi feito, e a Azemala se desviou de um caminho para que a gente se mais inclinava, onde o Ifante soube depois em certo que Mouros o esperavam para o matar, e roubar, e da hi em diante em dezertos e montes porque passáram sempre déram a guia ás santas Reliquias, que com a graça de Deos levaram o Ifante, e os seus a salvamento atè Ceita, onde embarcando logo em uma nao, que o Divino favor lhe tinha prestes, e aparelhada para terra de Christãos, partiram, e navegaram logo com vento prospero, que em poucas horas, com grande escuridão se mudou o contrairo, e algumas outras naos que se acertaram em sua conserva, por uma respiração divina faziam daquella do Ifante Capitaina, por quem se regiam, e com a grande sarração que sobreveio temendo de ir á Costa se encomendaram devotamente aos rogos, e merecimentos dos Santos Martyres, cujas sagradas Reliquias levavam, para que em salvamento os guiassem, e logo supitamente derramada a escuridão, em que andavam, veo a grande claridade, e bonança, com que bem viram, e conheceram o caminho de sua perdição, que levavam, e desviados delle aportaram na Aljazira, daquem Despanha, e dahi a Tarifa, e logo a Sevilha, que era de Mouros, onde por os Christãos que ahi eram, o Ifante foi avizado, que logo se partisse, porque El-Rei de Sevilha o mandava prender.

Pelo qual logo ahi embarcaram, e vieram a Astorga, que é em Galiza do Reino de Lião, onde então reinava El-Rei Dom Affonso, primo com irmão do Ifante Dom Pedro, e como foram partidos chegaram a Sevilha mandados de Mirabolim de Marrocos que logo lhe prendessem, e tornassem o Ifante, e cortassem as cabeças a todos os seus, mas deste perigo, e doutros muitos prouve a Deos que o Ifante, e os seus, pelos merecimentos dos Santos Martyres, cujo devoto era, fossem como foram, livres, e seguros, e como chegassem a Astorga um hospede onde foram agazalhados havia trinta annos que assi era doente, e tolheito de parlezia, que do officio da fala, e dos membros era de todo privado, e ouvindo as grandes maravilhas dos Santos Martyres, que os Christãos consigo traziam, lançado em terra ante a Arca em que suas sagradas Reliquias eram guardadas, pedindo-lhe com muitas lagrimas, e grande devação remedio para sua doença, logo ahi á vista de todos recebeo na fala, e em todos os membros perfeita saude, e o Ifante Dom Pedro não veio com as Reliquias dos Martyres a Coimbra; mas de Astorga mandou com ellas Affonso Pires de Arganil, que era Rico homem, e pessoa de grande credito, porque o Ifante Dom Pedro não era bem avindo com El-Rei Dom Affonso de Portugal seu irmão.

CAPITULO XV

Como as Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foi a morte da Rainha Dona Orraca, molher del-Rei Dom Affonso, e das cousas que foram vistas

Como Affonso Pires chegasse a Coimbra onde a fama dos Santos Martyres já era, a sobredita Rainha Dona Orraca molher deste Rei Dom Affonso de Portugal, que ahi estava com o povo junto, que com toda a Cleresia, e mui devota, e solenne Procissão, saio a receber as sagradas Reliquias, e com muita devação, e grande solennidade as levaram ao Moesteiro de Santa Cruz, onde mui honradamente as leixaram, e como a nova do glorioso Martyrio destes Santos Frades chegasse a S. Francisco, alegrando-se em seu espirito, disse: «Agora verdadeiramente posso dizer que tenho cinco irmãos». E no mesmo anno em que estes Martyres foram mortos segundo testemunho das santas Lições, que delles se dizem, por sua vingança a ira, e indinação de Deos, veio contra El-Rei de Marrocos, e seu Reino, porque a propria mão direita, e braço com que o dito Rei Mouro matou os Santos Frades, todos seus membros daquella parte até o destro pé, foram todos secos, e por maldição da sua terra, nos tres annos seguintes apoz este Martyrio, não choveo nella couza alguma, de que se seguio mais, que por cinco annos continos houve tanta fome, e tão cruas pestilencias nos homens, que a mór parte da gente por tamanha mortindade foi destruida por tal, que os annos da vingança fossem iguaes ao numero dos Santos Frades.

E porque a Profecia dos Santos Frades em todo se comprisse a sobredita Rainha Dona Orraca passadas mui poucas horas, depois que ás Santas Reliquias foi dada divina sepultura, ella Rainha chea de virtudes acabou sua vida, e dahi foi levada a Alcobaça onde jaz, e á mesma hora que ella faleceo, sendo a noite profunda, Dom Pedro Nunes Conego, e Sacristão do Moesteiro de Santa Cruz, Varão por Santidade mui esclarecido, e Confessor da mesma Rainha, vio innumeraveis Frades Menores entrar no Choro antre os quaes era um, que aos outros com grande solennidade precedia, e apoz elle cinco antre todolos outros com honra singular mais excellentes, e como no Choro com procissão assi entraram logo com doce melodia que se não póde dizer, cantaram as Matinas, e o dito Pedro Nunes Sacristão, sendo pelo que vio todo atonito, perguntou a um delles, a que vieram, e porque lugar tantos Frades em tal hora entrassem, sendo serradas todalas portas do Moesteiro, o qual lhe respondeu: «Nós todos que aqui vez somos Frades Menores, e agora reinamos com Christo, e aquelle que vez, que com tanta gloria precede aos outros, é S. Francisco que tanto dezejastes ver nesta vida, e aquelles cinco, que antre os outros tem mais excellencia são os Frades, que em Marrocos por Christo receberam Martyrio, e nesfe Moesteiro são sepultados, e sabe que a Rainha Dona Orraca nesta ora passou desta vida, e porque ella de todo coração amou nossa Ordem, Nosso Senhor Jesu Christo nos enviou cá todos, porque por sua honra disessemos aqui Matinas, e porque tu eras seu confessor, quiz Deos que tu visses estas couzas, e da morte da Rainha não duvides ; porque na hora que daqui partirmos ouvirás logo certa nova». E aquella Procissão sendo todas as portas do Moesteiro serradas logo sairam, e nesta hora aquelles que

eram da familia da dita Rainha bateram ás portas, e denunciaram que ella tinha já paga sua necessaria divida á carne, e faleeera.

CAPITULO XVI

Como Santo Antonio por exemplo destes Martyres tomou o habito de S. Francisco, e do que seguio em Marrocos por milagre, e da morte del-Rei Dom Affonso

Despois que estes Santos Martyres começaram de resplandecer com mui claros milagres que muitos em sua mais profuza lenda se contem, e por exemplo delles o Bemaventurado Antonio que a este tempo era Conego no Moesteiro de Santa Cruz mesmo, e se chamava Fernando Martins, ardendo com dezejo de semelhante Martyrio, entrou na mesma Ordem dos Menores, em idade de vinte e cinco annos, e nella acabou dez annos, exclarecido em Santidade, e com milagres. E por esta ida destes Frades, o mesmo S. Francisco, porque seu exemplo ardia em gram fervor, e dezejo de Martyrio, passou com sete Frades a terra de Suria, e foi ao Gram Soldam, e como quer que com grande constancia, e mui sem medo lhe prégasse a Fé de Christo, o Gram Soldam o tornou a enviar livremente, e são a sua propria terra.

E acha-se por lembranças antigas, que por este Martyrio destes Santos Frades ser tão cruamente feita em Marrocos, e com tanto desprezo de Deos, e de sua palavra, houve em todo aquelle Reino tantas esterilidades, e securas, e por tantos annos, que esteve para de todo se despovoar, e porque geralmente na-

tre elles, e pelo povo se dizia que tamanha maldição não viera á terra salvo pela inocente morte dos Religiosos, El-Rei a cujas orelhas este rumor, e clamor chegara, tendo sobre esso concelho com os Mouros, e tambem com os Christãos, que estavam ahi, acordaram que onde padeceram, que ali com grande arrependimento, e gemidos, e muitas lagrimas viessem, como vieram pedir a Deos que havendo por esso com elles piedade, se diz que logo choveo, e veio á terra acostumada avondança em todalas cousas, por cujo beneficio se affirma que El-Rei de Marrocos com todo seu povo prometeram, e ordenaram que da mesma Ordem dos Frades Menores fosse dado Sacerdote, ou Bispo a todolos Christãos, que em Marrocos, e em sua terra vivessem, e que os Frades fizessem ahi Moesteiro da Ordem de S. Francisco, em que livremente sempre estivessem, e dessem os Sacramentos aos Christãos sem algum receio, o que por muitos annos assi comprio.

E deste anno de Christo de mil e duzentos e vinte, em que esto sucedeo, até o anno de mil duzentos e vinte e quatro em que este Rei Dom Affonso faleceo, não achei que elle fizesse, nem em seu Reino sucedesse outras cousas notaveis, pelo qual tendo elle trinta e sete annos de sua idade, e havendo doze annos que Reinava, faleceo na era de nosso Senhor de mil e duzentos e vinte e quatro, (1224) e jaz em Alcobaça, com a Rainha Dona Orraca sua molher, na Capella grande, que elle em sua vida mandou fazer diante a porta do Moesteiro, e neste anno se diz que foi mudado o Convento de Santa Maria, a antiga á nova Egreja, e Moesteiro de Alcobaça, que El-Rei D. Affonso Anriques, seu avô de fundamento mandou fazer.

DEO GRATIAS

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS

A

Affonso II (D.) de Portugal, que idade tinha, e em que anno foi levantado Rei, pag. 17. Foi cazado com Dona Orraca filha del-Rei D. Affonso IX de Castella. ibi. Não quer conceder á Rainha Dona Tareja, e á Infanta Dona Sancha suas irmãs as terras que lhes deixara seu pai D. Sancho I, pag. 22. E' excommungado pelo Papa Innocencio III para que largue os Castellos de Monte Mór, e Alanquer a suas irmãs, pag. 24. E' absolvido da Excommunhão, e com que circumstancias se ajustou a tregoa entre estes Principes, pag. 25 e 26. Contende judicialmente sobre a mesma materia com suas irmãs, e é condemnado a pagar-lhe uma grande somma de dinheiro, pag. 27. Em que anno, e idade morreo, pag. 30. Onde está sepultado, ibi.

Affonso IX (D.) de Castella sogro del-Rei D. Affonso II de Portugal com quem foi cazado, e que filhos teve, pag. 18. Manda chamar a seu genro D.

Affonso II de Portugal ás Cortes que fez em Burgos, e não vai, pag. 21, onde morreo, e está sepultado, ibi.

Affonso Pires de Arganil, entrega por ordem do Infante D. Pedro as Reliquias dos Martyres de Marrocos no Convento de Santa Cruz de Coimbra, pag. 55.

Alcacere é cercado pelos Portuguezes e Estrangeiros, e das pessoas principaes Portuguezas que assistiram neste cerco, pag. 31. No seu campo são mortos pelos Portuguezes trinta mil Mouros, e em que dia e anno se conseguio esta vitoria, pag. 38. O seu Castello depois de uma larga resistencia é conquistado, pag. 40. Em que dia e anno foi tomado, pag. 41.

Algozo e Freixo são tomados pelos Ifantes D. Pedro e D. Fernando em odio de seu irmão D. Affonso II de Portugal, pag 24.

Henrique de Neusa (D.) Capitão de uma Armada Estrangeira, que constava de trinta e seis naos, arribáram ao porto de Setuval, e junto com os Portuguezes batalham com os Mouros que estavam senhores de Alcacere, e sahem vitoriosos, pag. 34.

Antonio (Santo) passa da Religião dos Conegos de Santo Agostinho para a de S. Francisco, pag. 58.

Armada de Alemães, e Framengos, que se compunha de cento e cincoenta naos depois de padecer varias derrotas aportou a Lisboa, pag. 29.

B

Berardo (Fr.) um dos cinco Martyres de Marrocos, abre milagrosamente na terra seca uma fonte de que todos beberam, e se admiraram, pag. 48.

Beringela (Infante Dona) filha del-Rei de Castella Affonso IX cazou com D. Affonso Rei de Lião, e que filhos teve, pag. 18.

Branca (Infante D.) filha de Affonso IX, Rei de Castella, cazou com El-Rei de França, e foi mãi de S. Luis, pag. 18. Era mais velha, que sua irmã Dona Orraca, pag. 20.

C

Constança (Infante Dona), primeira Senhora do Moesteiro das Holgas de Burgos, foi filha del-Rei D. Affonso de Castella, pag. 18.

F

Fernando (Infante D.) chamado de Serpa foi filho de Affonso II de Portugal, e da Rainha Dona Orraca, pag. 19. Com quem cazou, e que filhos teve, ibi.

Fernando (Infante D.) filho de Affonso IX de Castella morreo de idade de dezaseis annos, pag. 8. Foi a Roma buscar a Cruzada que o Papa concedeo a seu pai para a batalha das Navas de Tolosa, pag. 21.

Foral. Em que anno foi dado por El-Rei D. Affonso II á Villa de Alcacere, pag. 41.

Francisco (S.) O que disse quando teve noticia do Martyrio dos seus cinco Religiosos em Marrocos, pag. 56. Passa com sete Frades á Suria a prégar a Fé seguindo o exemplo daquelles cinco Martyres, pag. 58.

G

Gonçalo (D.) Mestre, e Prior do Esprital se achou no cerco de Alcacere pag. 31.

I

Innocencio III manda excommungar pelo Arcebispo de Santiago, e o Bispo de Çamora a Affonso II por negar os Castellos de Monte mór e Alanquer a suas irmãs que seu pai D. Sancho I lhe deixara, pag. 24.

L

Lianor (Dona) filha del-Rei D. Henrique de Inglaterra, cazou com Affonso IX de Castella, pag. 2. Que filhos teve daquelle Principe, pag. 18.

Lianor (Infante Dona) filha del-Rei D. Affonso IX de Castella cazou com D. James I Rei de Aragão, pag. 18.

Lianor (Infante Dona) Neta de Affonso II de Portugal cazou com El-Rei de Dacia, pag. 19.

Lianor (Infante Dona) filha de Affonso II de Portugal cazou eom o filho herdeiro del-Rei de Dinamarca, pag. 19.

M

Martim Affonso Tello sobrinho do Infante D. Pedro é morto em Marrocos, pag. 51.

Martim Barregam Commendador de Palmella se achou no cerco de Alcacere, pag. 31.

Martyres que padeceram em Marrocos como se chamavam, pag. 42. São recebidos em Coimbra pela Rainha Dona Orraca, pag. 43. Foram tratados com grande benevolencia em Alanquer pela Infante Dona Sancha irmã de Affonso II de Portugal, ibi. Pregam animosamente em Sevilha contra a ceita de Mafamede, pag. 44. Crueis Martyrios que padeceram, pag. 49. São degolados por El-Rei de Marrocos, pag. 50. Anno, e dia do seu Martyrio, ibi. São queimados os ssus corpos, e maravilhas que então sucederam, pag. 51. Como foram trazidos os seus corpos a Coimbra, pag. 54 e 55.

Matheus (D.) Bispo de Lisboa recebe aos Estrangeiros que vinham em uma Armada que aportou áquella Cidade, e os exhorta á conquista de Alcacere, pag. 29. Achou-se no cerco de Alcacere, pag. 51. Faz uma pratica aos soldados Portuguezes e Estrangeiros que estavam no campo de Alcacere para que não levantem o sitio, mas que tomem a Praça. pag. 36.

Melgaço é tomado pelos Infantes D. Pedro e D. Fernando com alguma gente de Lião em odio de seu irmão D. Affonso II de Portugal, pag. 24.

Mouros. Como se houveram esfórçadamente no sitio de Alcacere, pag. 33. Governados pelos Reis de Sevilha, Cordova, Jaen, e Badalhouse vem soccorrer Alcacere, ibi. São derrotados, e mortos trinta mil no campo de Alcacere. pag. 38.

O

Orraca. Princezas varias que tiveram este nome, pag. 20.

Orraca (Dona) filha del-Rei D. Affonso IX de Cas-

tella foi cazada com D. Affonso II de Portugal, pag. 17. Era mais moça que Dona Branca, pag. 20. Recebe em Coimbra aos Martyres de Marrocos, que lhe prognosticaram a sua morte, pag. 40. Quando morreo, pag. 56. Onde está sepultada, pag. 59.

P

Pedro (Infante D.) filho de Sancho I de Portugal, veio socorrer a sua irmã Dona Tareja, que estava recolhida no Castello de Monte mór, contra seu irmão D. Affonso II, pag. 23. Estando em Marrocos recebe em sua caza aos Santos cinco Religiosos que alli padeceram martyrio, pag. 45. E' livre de gravissimos perigos por intercessão dos mesmos Santos Martyres, pag. 53. Alcança licença del-Rei de Marrocos para trazer as Reliquias dos mesmos Marryres para Portugal. ibi.

Pedro (D.) Mestre da Ordem da Cavallaria do Templo se achou no cerco dc Alcacere, pag. 31.

Pedro Fernandes de Castro chamado o Castellão é morto em Marrocos, pag. 51.

Pedro Nunes (D.) Conego e Sacristão do Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, Confessor da Rainha Dona Orraca teve uma admiravel visão dos Santos Martyres de Marrocos, pag. 56.

R

Rei de Marrocos pela sua propria mão degolou os cinco Martyres da Ordem de S. Francisco, pag. 50. Castigo que experimentou por esta impia crueldade, pag. 56. Movido das grandes calamidades que pade

cia o seu Reino concede liccença que os Frades Menores levantem Convento em Marrocos, pag. 59.

Reliquias Dos Santos Martyres de Marrocos como foram trasidas, e dos milagres que obraram pela jornada, pag. 53. Do modo como foram recebidas em Santa Cruz de Coimbra, pag. 55.

S

Sancha (Infante Dona), irmã del Rei de Portugal D. Affonso II recebe com grande benevolencia em Alanquer aos Santos Martyres de Marrocos, pag. 43.

Sancho I (D.) de Portugal, onde, e quando morreo, pag. 17.

Sytimos. Lugar distante uma legoa de Alcacere foi a parte onde se alojaram os Reis Mouros que vinham soccorrer o seu Castello, pag. 33.

T

Tareja (Rainha Dona) com sua irmã Dona Sancha se recolhem ao Castello de Monte mór, e se queixam ao Papa Innocencio III da tyrania com que seu irmão D. Affonso II lhe negava as terras que lhes deixara seu pai D. Sancho I, pag. 23. E' soccorrida por seus dous irmãos D. Pedro e D. Fernando em Monte mór contra D. Affouso II, pag. 23. Do modo com que se concertou com seu irmão, pag. 27.

Tregoa. Em que anno foi celebrada entre D. Affonso II, e suas irmãs Dona Tareja e Dona Sancha, pag. 26.

V

Valença do Minho é tomada pelos Infantes D. Pedro e D. Fernando em odio de seu irmão D. Affonso II negar as terras a suas irmãs que lhe deixára seu pai D. Sancho I, pag. 24.

Vitoria do Campo de Alcacere em que dia, e anno se alcançou, pag. 38.

FINIS LAUS DEO

INDICE DOS CAPITULOS

I — Como o Ifante Dom Affonso foi alevantado por Rei, e como foi cazado, e com quem, e que filhos legitimos houve.......... 17
II — Das desavenças que houve antre El Rei D. Affonso, e as Ifantes suas irmãs, e da guerra que sobre esso se moveo............... 21
III — Como foi pelo Papa procedido contra El-Rei D. Affonso por causa da contenda que havia com suas irmâs, e como finalmente foram concordados........................... 24
IV — Do fundamento que houve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ser cercado, e tomado dos Christãos, e do Bispo de Lisboa principalmente.......................... 28
V — Como Alcacere foi cercado, e com que numero de gente Portuguezes e tambem Estrangeiros.............................. 31

VI — Dos Reis Mouros que vieram por soccorro da Villa de Alcacere, e da primeira batalha que deram, em que foram vitoriosos... 33
VII — Da segunda batalha que houve sobre Alcacere, e como os Reis Mouros foram vencidos, e feito grande estrago em suas gentes.... 36
VIII — Como os Christãos combateram e tomaram o Castello Dalcacere................ 39
IX — Como cinco Frades Italianos da Ordem de S. Francisco foram a Marrocos a prégar a Fé de Christo, e primeiramente chegaram a Sevilha, que era de Mouros.............. 41
X — Como os Frades chegaram a caza do Ifante Dom Pedro, e do que logo fizeram, e como foram tornados a Ceyta para virem a terra dos Christãos, e dahi se volveram outra vez a Marrocos............................ 45
XI — De um milagre que se fez por causa de Frei Berardo, e como foram prezos e atormentados os outros Frades.................... 47
XII — Como El-Rei de Marrocos fallou com estes Frades, e por os não poder converter a sua seita por si mesmo os matou, e como foram mortos tambem Pedro Fernandes, e Martim Affonso Telo, sobrinho do Ifante........ 50
XIII — Como os corpos dos Martyres foram queimados, e despedaçados, e emfim recolhidos por devação, e industria do Ifante Dom Pedro. 51
XIV — Como o Ifante D. Pedro foi tornado a Espanha, e trouxe consigo os ossos, e Reliquias dos Martyres, e as mandou a Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres que houve no caminho................................ 53
XV — Como as Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foi a morte da Rainha

Dona Orraca, molher del-Rei D. Affonso, e das cousas que foram vistas.................... 56

XVI — Como Santo Antonio por exemplo destes Martyres tomou o habito de S. Francisco, e do que seguio em Marrocos por milagre, e da morte del-Rei Dom Affonso........... 58

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LIII)

CHRONICA

DE

EL-REI D. SANCHO II

POR

RUY DE PINA

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1906

[illegible]

As desgraças do Illustrissimo [illegible] se podem [illegible] menos sensiveis [illegible] brevissima Chronica com o augusto nome [illegible] entre tantos [illegible] haver algum genero de [illegible] com que todos os [illegible] vida [illegible] parte [illegible] das [illegible] [illegible]

[illegible]

SENHOR

As desgraças do infelicissimo Rei D. Sancho II deste nome só se podem dalgum modo fazer menos sensiveis vendo-se amparada esta sua brevissima Chronica com o Augusto nome de V. Magestade se entre tantos infortunios quantos foram os que tem padecido a posteridade da sua fama, póde haver algum genero de diminuição, foi a brevidade, com que todos os Historiadores trataram as acções da sua vida, porque até parece que enfastia a memoria das infelicidades. Mas como é tanto o esplendòr das inimitaveis acções de V. Magestade, bastará a sua protecção Real para que retrocedendo tres seculos encha de gloria aquelle Reinado. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como todos os seus vassallos dezejamos.

Miguel Lopes Ferreira.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. Francisco Xavier de Menezes

Quarto conde da Ericeira, do Concelho de Sua Magestade, Sargento mór de Batalha dos seus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Estados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeira, e Senhor da de Ancião, oitavo Senhor da Caza do Louriçal, Commendador das Commendas de Santa Christina de Sarzedello, de S. Cipriano de Angueyra, S. Martinho de Frazão, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de Elvas, e de S. Bertholameu de Covilhã todas na Ordem de Christo. Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e um dos cinco Censores della &c.

A BENIGNIDADE com que V. Excellencia desculpou a minha confiança quando procurei o seu amparo para offerecer a Sua Magestade a Chronica del-Rei Dom Affonso III me anima agora a buscar segunda vez a V. Excellencia, para que me faça a mercê de pôr aos pés del-Rei N. Senhor esta

Chronica de D. Sancho II de Portugal. Na pessoa de V. Excellencia concorrem todas as circunstancias, que são necessarias para este beneficio, porque V. Excellencia é dotado de uma condição tão propensa para os estudiosos, que a immensa copia de livros, que com singular eleição tem juntos, mais são dos que delles se querem servir, que de V. Excellencia mesmo. E' verdade que esta generosidade tem o seu principio na estopenda memoria de que V. Excellencia é dotado, pois basta ler um livro, para lhe escuzar outra vez a lição, mas tambem nace da particular satisfação que V. Excellencia tem de que todos sejam imitadores dos seus estudos. A ninguem melhor do que a V. Excellencia se devia dedicar esta Chronica, porque só V. Excellencia tem meios na sua grande capacidade para defender algumas materias, que nella se tratam, porque é certo que nem tudo foi concedido a todos, mas na pessoa de V. Excellencia se acha tudo o que dividido fez grandes a outros. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.

Criado de Vossa Excellencia

Miguel Lopes Ferreira.

PROLOGO

Aqui tens Amigo Leitor a brevissima Chronica do desgraçado Rei de Portugal D. Sancho II deste nome. Foi este Principe na vida, e na morte o exemplo de toda a infelicidade humana, para que depois pelos iuscrutaveis juizos de Deos tivesse o premio de tantos infurtunios na eternidade da Bemaventurança. Na vida foi como dizem, tão sogeito aos validos, que não teve acção, que se podesse chamar sua, e na morte, foi tão infeliz, que a não teve na Patria. Tudo o que escreveram os Authores, foi duvidoso, porque uns o fazem càzado, e outros lhe negam o cazamento; uns o fazem pusilanime, e outros valerosc. Seguiram as penas dos Chronistas a inconstancia da sua fortuna, tudo deixáram em questões, porque o seu descuido lhes não deixou averiguar a certeza do que escreviam. O Doutor Fr. Antonio Brandão na Quarta parte da Monarchia Lusitana desaggrava em muitas acções a este Principe das injurias dos

seus Chronistas, mostrando que fora valeroso, e que conquistara muitas Praças aos Mouros, como o dizem as doações que fez dellas ás Ordens Militares. Sem duvida que a administração do governo, que deram os povos a seu irmão D. Affonso Conde da Bolonha em França, foi a cauza do muito que tem padecido a Real opinião deste Principe, porque não ha quem senão atreva a um desgraçado, ainda que lhe anime as veas um sangue soberano. As parcialidades que naquelle tempo havia de introduzir necessariamente na Corte a politica, deviam de ser o fundamento desta variedade, porque uns para justificarem a acção, o deviam de condenar, e outros que seriam os menos, o haviam de desculpar. Venceo com o tempo a felicidade de seu irmão D. Affonso, e arrastada da lizonja gemeo a memoria de D. Sancho. O que escreveram os antigos, é o que agora te dou a ler nesta brevissima Chronica. Se quizeres ver resgatada de tanto descuido a fama deste piissimo Rei, vê o Mestre Brandão, que em tudo mostrou a sua diligencia.

Vale.

LICENÇAS

DO

SANTO OFFICIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. Antonio Caetano de Souza, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza

EMINENTISSIMO SENHOR

Vi a Chronica de El-Rei D. Sancho o II, a quem os nossos Authores antigos chamam o Capelo, que tambem anda em nome do Chronista Ruy de Pina, como já disse na censura que fiz na de El-Rei D. Affonso II, seu pai, e não contem couza alguma para que V. Eminencia não conceda a licença que se pede para a imprimirem, este é o meu parecer. Lisboa Occidental 8 de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, Religioso da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente jubilado na sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR

A Chronica d'El-Rei Dom Sancho o II a quem os Authores antigos chamam o Capelo, pelos vestidos honestos, de que sempre uzou, mais de feição de Religioso, que de Rei, não tem cousa que se oponha aos dogmas da nossa Santa Fé, ou bons costumes. Este Rei não teve exercicio de reinar todo o tempo de sua vida, porque pelos seus erros foi posto por Regedor no Reino seu irmão o Infante D. Affonso Conde de Bolonha, e errou o dito Rei D. Sancho se cuidou que havia de reger sempre: «Errat, si quis existimat tutum diu esse Regem». Diz Seneca «In sui Proverbiis in fine positis lit. E.» Mas se lhe tiraram o Reino, ou a regencia delle pelos seus erros, e culpas, não lhe podiam tirar o Reinar em o Ceo, morrendo (como dizem morreo) com sinaes de bom Christão, e Catholico Rei, e cheio de virtudes. Pelo que merece a licença que pede o Chronista para se imprimir. V. Eminencia fará o que for servido. Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa Occidental 21 de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

VISTAS as informações, pode-se imprimir a Chronica del-Rei D. Sancho II, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 22 de Março de 1726.

Rocha, Fr. Lancastre. Teixeira. Silva. Cabedo.

DO ORDINARIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. João Baptista Troyano, Religioso da Ordem de N. Senhora do Monte do Carmo, Mestre na Sagrada Theogia, Consultor do Santo Officio, Definidor perpetuo, e Provincial absoluto, Secretario que foi da Provincia, e Prior do convento do Carmo de Lisboa Occidental, &c.

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

POR mandado de V. Illustrissima Reverendissima li a Chronica del-Rei D. Sancho II no Nome, e quarto dos Reis de Portugal, vulgarmente chamado Capelo, na fórma que a deixou escrita Ruy de Pina Chronista mór do Reino, e como nella se não encontre couza que se opponha aos dogmas da nossa Santa Fé Catholica, ou bons costumes, julgo se lhe póde conceder a licença que se pede, salvo, &c. Carmo de Lisboa Occidental 4 de Outubro de 1726.

Fr. João Baptista Troyano, Prior do Carmo.

PODE-SE imprimir vistas as informações, a Chronica del-Rei D. Sancho II, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 1 de Junho de 1728.

Gouvea.

DO PAÇO.

Approvação do Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, do Conselho de S. Magestade, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e um dos cinco Censores della, &c.

SENHOR

Na cencura que fiz por ordem de V. Magestade á Chronica del-Rei D. Sebastião, ponderei largamente o juizo que fazia da utilidade que resultava á Historia de Portugal, de que se publicassem as memorias mais antigas, que se conservavam manuscritas na Torre do Tombo, e em muitas livrarias, ainda que tivessem alguns defeitos, que nasceram da sincera credulidade dos seus Authores, ontros da corrupção das copias, e muitos que os modernos sup-

põem, que foram erros, e que póde ser sejam verdades, e que prevaleça a antiguidade de alguns seculos, que faz os Authores melhor instruidos de tradição sucessiva, e então mais vezinha ao tempo dos sucessos; á critica que fundada em documentos, e conjecturas, nem sempre descobre as dezejadas demonstrações. A Chronica del-Rei D. Sancho II sendo muito breve, merece maior exame, que as outras, porque era precizo ao seu escritor defender o que fez todo o Reino para autorizar a deposição daquelle Principe mais infelice, que culpado, e quanto mais razões buscou este escritor para culpar o seu Rei, tanto mais seguio a primeira errada maxima, continuada por muitos Historiadores, que se convencem a si mesmos com a força da razão, celebrando a fidelidade dos dous valerosos defensores de Coimbra, e Cerolico. Tambem se buscaram outros principios, que as Monarchias independentes, como é a de Portugal não admitem, nem acho inconveniente em que se imprimam as Historias do que o mundo fazia, e hoje não observa, porque assim conhecemos o genio dos seculos passados, e a parcialidade dos nossos Chronistas; sendo poucos em todas as nações, os que se livraram deste perigo, e não sendo o mesmo permetir V. Magestade a licença que se pede para sahirem a luz os livros antigos, que aprovar tudo o que elles dizem, e copiáram os outros, que o seguiram, e assim entendo que com esta censura que deve imprimir-se nas mais Edições desta Chronica, se dê a faculdade que pertende o seu curioso Collector, desta, e de todas as Historias antigas de Portugal. Lisboa Occidental 7 de Junho de 1728.

Conde da Ericeira.

Que se possa imprimir, visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza, para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá, com declaração, que no mesmo livro se imprima esta censura do Conde da Ericeira. Lisboa Occidental 8 de Junho de 1728.

Marquez P. Pereira. Oliveira. Teixeira. Bonicho.

Coronica do muito alto e esclarecido Principe D. Sancho II. quarto Rei de Portugal a que vulgarmente chamaram o Capelo

CAPITULO I

Como o Ifante D. Sancho Capelo, foi alevantado por Rei, e das condições fracas que teve, e como casou, e não como a sua honra e estado Real compria, e se devia

El-Rei Dom Affonso deste nome o segundo, e dos Reis de Portugal o terceiro, faleceo na era de mil duzentos e vinte e tres, (1223) como em sua Coronica é declarado, e por seu falecimento foi logo alevantado, e obedecido por Rei o Ifante Dom Sancho, seu filho maior legitimo, e herdeiro, a que disseram Capelo, deste nome o segundo, e dos Reis de Portugal o quarto, em idade de dezaseis annos, e a cauza porque este sobrenome de Capelo lhe fosse posto, as lembranças antigas Despanha, e de Portugal, que delle falam, e assi o nomeam, não o declaram, sómente que lhe deria ser posto por sua manei-

ra de vestidos honestos, que sempre trouxe, mais de feição de Religioso, que de Rei, nem Cavaleiro, porque foi Principe, que do começo de sua vida até que acabou em servir mais a Deos, que haver respeito ás couzas, e pompas do mundo, em cujo coração não houve a verdadeira fortaleza que pera Rei era mui necessaria, mas houve nelle sua pura simpreza com que dezejou que seus Reinos, e Vassalos fossem regidos por lei de natureza, e por regras, e concelhos de boa condição, sem outra prema, nem contradição de Lei, nem de algum direito positivo, e por esso na execução nas cousas da justiça era muito brando, e as não provia nem ponia, com aquelle rigor, e escarmento, que as culpas, e crimes de homens requeriam, e por esta sua natural, e fraca incrinação, e juntamente com os máos, e desassolutos Conselheiros, que de moço logo o recolheram, e porque não devidamente se regia o Reino de Portugal, e todolos naturaes delle em todalas couzas, assi espirituaes, como temporaes, durando o seu Reinado padeceram muitas perdas, e danos incomportaveis, que depois com quebra de seu nome, e pera provizão de seu Estado se remediaram, como ao diante se dirá.

E ao tempo que este Rei Dom Sancho começou de Reinar em Portugal, governava os Reinos de Castella, e de Lião sua tia, a Rainha Dona Biringela, molher que foi del-Rei Dom Affonso de Lião, com El-Rei Dom Fernando seu filho, a qual era tia deste Rei Dom Sancho, irmã da Rainha Dona Orraca sua madre, e porque a Rainha Dona Biringela, a que este Rei Dom Sancho ficou encomendado, era Princeza de mui singulares virtudes e Reaes perfeições, e muita prudenia, doendo-se da governança de Portugal, e de uma evidente sua perdição, a que decrinava, ella muitas vezes enviou a conselhar a seu sobrinho assi bem,

e verdadeiramente como a elle, e ao Reino compria, e principalmente pera fundamento de sua maior liança de o querer cazar, como seu Estado, e dinidade Real requeria. Ao que El Rei D. Sancho por máos concelhos dalguns seus não fieis, e danados conselheiros nunca obedeceo, antes por induzimento delles sem dispensação, e muito contra sua honra, e com grande escandalo, e nojo dos do Reino, cazou com Dona Mecia Lopes, Dona fermosa, e viuva, filha de Dom Lopo, senhor de Biscaya, que era parenta sua dentro no quarto gráu, a qual fôra já cazada com Dom Alvaro Pires de Castro, filho de Dom Pedro Fernandes de Castro, o Castellão, e posto que El-Rei Dom Sancho pelos Prelados, e povos, Senhores, e pessoas de titulo de seu Reino muitas vezes fosse requerido, amoestado, e aconselhado, que se apartasse desta molher, e recebesse outra qual, á sua hônra, e conciencia convinha, elle, ou por afeição não quiz, ou por feitiços, de que diziam que era ligado, o não pôde nunca fazer, nem consentir, porque naquelle tempo segundo as couzas passavam, mui clara, e geralmente se dizia, que El-Rei andava em poder della enfeitiçado, e cego do juizo sem se poder apartar, e que ajudavam muito o mao conselho daquelles, que sostinham a parte da Rainha Dona Mecia, por cujo favor em que a este tempo havia o poder, e authoridade com grande desolução elles tomavám, e destroiam do Regno todolo que queriam, e assi o faziam, outros muitos grandes, e pequenos por seu exemplo, os quaes males El-Rei por fraqueza de coração não castigava, nem tornava a ellès com aquella severidade, e rigor, que se devía, e assi teve El-Rei D. Sancho esta molher algum tempo sem della haver alguma geração, não cessando no Regno estes insultos, e desoluções, antes crecendo cada vez mais.

CAPITULO II

Do que o Papa a requerimento dos Prelados, e povo de Portugal escreveo, e requereo a El-Rei Dom Sancho por sua Bulla

Pelo qual os Prelados, e povo de Portugal conciranda a fealdade destas couzas, que era em grande ofença de Deos e cançasso e destroição da terra, e vendo que a continua, e perseverada aprezentação de suas querelas ante El-Rei não aproveitavam, todos em uma concordia se enviaram querelar ao Papa Honorio III na Igreja de Deos a esse tempo Presidente, que como bom, e Sancto Pastor, por aconselhar a El-Rei, e por verdadeiramente ao Regno, sabendo todas as cousas sobreditas, que com verdadeira relação lhe foram senificadas, enviou a El-Rei seu Breve, em que lhe vieram suas sanctas, e devidas amoestações, e nelle limitado tempo, em que inteiramente emendasse os erros de sua pessoa, e satisfizesse aos danos feitos por sua negligencia, em todo o Regno, e passado o tempo, que pera a emenda destas cousas lhe era assinado, sendo o Papa certificado, que em nada se satisfazia, enviou a elle de Roma por Delegado o Bispo Sabenense, o qual pela dureza, e pouca obediencia que nelle, e nos seus Conselheiros achou, poz condicionalmente em suas pessoas sentença de Excommunhão, e de antredito, e em todo o Regno sem outro devido, e peremptorio termo, qne lhe assinou, se se não emendasse, e satisfizesse. Das quaes sentenças ficou por mero executor, por mandado especial do Papa, o Arcebispo de Braga, que por se não satisfazer aos males, tomadias e roubos, que eram feitos espe-

cialmente ás Igrejas, nem se leixavam de fazer tantos, o tornou a notificar ao Padre Santo, que por uzar de mais clemencia, e piedade com El-Rei Dom Sancho, e lhe afastar todalas couzas de sua essencia, lhe escreveo outra carta na entrada da qual lhe tirou aquella solennidade de amor, e benção Apostolica, que em outras escrevia aos outros Reis sempre costumada de escrever, ca lhe não poz Carissimo em Christo filho, nem disse nella: «Salutem & Apostoilcam benedictionem».

Com a Bulla, que a El-Rei Dom Sancho em sua pessoa, e em muitas partes de seu Regno, foi pubricada, elle foi muito anojado, e vendo se apertado de muitas necessidades, que nesta necessidade concorriam, aconselhado dos seus que o seguiam, disse que em todo queria, e prometia de obedecer ao Papa, e satisfazer inteiramente aos mandamentos da Sé Apostolica, e que elle logo emendaria, e faria aos seus emendar todolos danos, e perdas que eram feitos, e não consentiria, que dahi em diante em seu Regno por elle, nem pelos seus, lhe fizessem outros alguns, assi por suas cartas patentes, o segurou, e prometeo parttcularmente ao Papa, pelo qual a esta cautella, e com condição de todo comprir a certo tempo, foram todos absoltos da excommunhão, e levantado o antredito do Regno.

CAPITULO III

Como El-Rei Dom Sancho por amoestações do Papa se não quiz apartar de Dona Mecia Lopes sua molher, e como lhe foi tomada

Mas como El-Rei Dom Sancho da excommunhão, e antredito se vio livre, e afrouxado, e os Delegados do Papa partidos do Regno, elle e os seus por mao conselho, e induzimento de maos homens, que comsigo trazia, não leixaram de proseguir, e uzar de todolos erros, e males, que dantes faziam, e esto durou por muitos annos, ca foi no tempo do dito Papa Honorio, e depois em vida do Papa Gregorio IX que a requerimento, e sopricação dos Prelados, e povo de Portugal, lhe enviava continuas amoestações, e sanctos conselhos, a que nunca quiz inteiramente obedecer, quazi de sua boa, e fraca condição, era faze-lo logo, a Rainha Dona Mecia sua molher, e aquelles que seguiam sua vontade o disviavam de seu bom proposito, especialmente em a não querer nem poder leixar por molher, sobre que muitas vezes, foi pelo Papa aconselhado, e amoestado, e excommungado, por quanto ella era filha do Conde Dom Lopo de Biscaya, como já disse, e era muito conjunto ao Real sangue dos Reis Despanha, de que El-Rei Dom Sancho descendia, e porém nunca por direito, nem por sua vontade a quiz de si apartar, ca por qualquer maneira que fosse, elle lhe era muito afeiçoado, e porém achase, que neste tempo, tendo-a El-Rei comsigo em Coimbra, um Reymão Viegas de Porto Carreiro, com gentes de Dom Martim Gil de Soveroza, naturaes de Portugal, e Vassallos del-Rei Dom Sancho, da frontaria

de Galiza, donde eram, com multas gentes, que comsigo trouxeram, tomaram a dita Dona Mecia, e a levâram ao Castello Dourem, que ella tinha del-Rei por Arras de seu cazamento, sobre o qual El-Rei logo foi armado, e com a gente que pode requerendo lhes, que lhe entregassem sua molher, e elles o não quizeram fazer, antes resistiram a El Rei com armas, e forças, com que se tornou, e elles a levaram a Galiza, mas o que della se depois fez, ou com que fundamento, e cauza certa foi assi tomada, e levada, eu o não achei, nem soube, e porém até o tempo que o Papa Innocencio IV foi Prezidente na Igreja de Roma, nunca por El-Rei Dom Sancho nos males, e danos passados, se fez alguma emenda, nem deu satisfação, nem menos havia rigor de justiça, por cujo temor elles se leixassem de fazer.

CAPITULO IV

Do Concilio que o Papa Innocencio IV fez em Lião de França, onde os Prelados, e os Senhores de Portugal, se foram querelar del Rei Dom Sancho, e lhe pediram novo Regedor para o Regno, que por mingoa da justiça se perdia, e lhe outorgou o Ifante Dom Affonso, Conde de Bolonha, irmão do dito Rei Dom Sancho

Sobre o qual sendo El-Rei por muitos, e muitas vezes aconselhado do requerido, e pedido, que se emendasse, e castigasse os malfeitores, elle não o querendo, ou não podendo fazer, os Prelados, e povo se enviaram outra vez aggravar ao Papa Innocencio IV e pedir-lhe remedio, o qual por al-

gumas vezes escreveo a El-Rei cartas de mui sanctos concelhos, e devidas amoestações, e assi outras ao Bispo de Coimbra, que em seu nome, e da sua parte o aconselhasse para se privar dos erros, e males, que consentia, e o esforçasse para castigo, e emenda daquelles, que os cometiam, encomendando ao dito Bispo, que de todo o que em El-Rei sobre esso achasse, e deste cazo lhe parecesse, lho fizesse saber por suas cartas, as quaes enviaria ao Concilio, que se havia então de fazer, como fez em Lião Solanova em França, para que foram convocados os Reis, e Principes Christãos, e assi muitos Prelados, no qual Concilio se acordaram muitas, e mui sanctas couzas por bem da universal Igreja, ante as quaes El Rei S. Luis, por mortal doença de um fernezim, de que escapou, tornando a seu entendimento, fez nelle voto de ir, como foi em pessoa, por se recobrar á Caza Santa, e á conquista de ultra mar, e levou em pessoa comsigo a Rainha Dona Margarida sua molher, filha do Conde de Proença, e desta ida tomou por cerco a Cidade Damiata no Egipto, que era de imigos, mas logo pelo grande poder do Soldão, El-Rei, e dous seus irmãos, que com elle passaram, a saber, Dom Affonso, e Dom Carlos em uma batalha foram tambem cativos, e resgatados pela mesma Cidade de Damiata, e das muitas gentes de seu exercito, muitos foram mortos, e os outros prezos, e cativos.

E retornando El-Rei S. Luis a França com esperança de vingar o mal passado, logo com outro grande exercito, que refez, tornou a ir sobre a Cidade de Tunes, com propozito de fazer o Rei della Christão, como lhe enviara prometer, e de conquistar por hi a terra dos Infieis, ao longo do mar até Alexandria pera dahi poder cobrar a Terra Sancta com menos trabalhos das pessoas, e deficuldades, e estando neste cer-

co, e tendo comsigo tres filhos, a saber Felippe Johane, e Pedro, elle faleceo de fruxo, e o dito seu filho Dom Joham de peste, e por estes merecimentos, e por outras muitas virtudes este Rei Luis foi pelo Papa Bonifacio Canonizado, e era primo com irmão deste Rei Dom Sancho, filhos de duas irmãs.

E volvendo ao proposito de sua Istoria, El Rei Dom Sancho com todolos conselhos, e amoestações de amor, e de rigor pelos Papas, e pelos de seu Regno muitas vezes lhe foram feitos, nunca por sua natural fraqueza se quiz, ou nem se pode emendar, nem dar ordem como se os malfeitores emendassem, e castigassem, e privassem dos malificios que cometiam, pelo qual os Prelados, e mais principaes do Regno com todo o povo, por remediarem sua total perdição em que se viam, acordaram de enviar pedir no dito Consilio ao sobredito Papa Innocencio IV que lhes desse auto, e pertencente Regedor pera o Regno, pera o qual foram eleitos pera Embaixadores, e Procuradores Dom Joham Arcebispo de Braga, que em todo o Reinado del-Rei Dom Sancho tinha muitas perseguições, e perdas padecidas, e Dom Tiburço Bispo de Coimbra, e Ruy Comes de Briteiros, e Gomes Viegas, nobres Cavalleiros, e pessoas de muita authoridade no Regno, os quaes chegando ao Consilio, propozeram ante o Papa todalas querelas do Regno passadas, e a desesperação que havia pera se nunca emendarem antes ao despois se fazerem peor, pera cuja prova prezentaram aprovadas cartas, e verdadeiras inquirições, que pera esso levávam, e o Papa, que claramente gostou da verdade depois de sobre esso haver sua deliberação lhes respondeo que elles escolhessem, e tomassem por Regedor do Regno de Portugal, quem quizessem, e entendessem, que o faria bem, com tanto que fosse natural do Regno.

E porque os ditos Prelados, e Cavalleiros, tinham

já sobre este cazo assás deliberado, e consultado depois de lhe beijarem por esso seus santos pés, lhes disseram, que a pessoa natural que pera tal cargo achavam era o Ifante Dom Affonso, Conde de Bolonha, irmão do mesmo Rei D Sancho, e que este lhe pediam por mercê ques désse por Regedor, ca o Papa aprouve, e lho outorgou. Sobre o qual mandou logo chamar o dito Ifante Conde, que era em Bolonha de França, não longe do Papa, que era na dita Cidade de Lião, ao qual Sua Santidade fez larga relação das couzas de Portugal, que até aquelle tempo eram passadas, e com esso as necessidades que hi havia pera com paz, e justiça se remediarem, e lhe encomendou, e mandou que asseitasse o Regimento, defenção, e governação do dito Rego, e fizesse como se delle confiava, e o Conde sem contradição, nem escuza consentio no dito cargo, e o asseitou, e esto foi em Lião a seis dias de Setembro de mil duzentos quorenta, e cinco annos (1245).

CAPITULO V

Como o Conde de Bolonha, depois de asseitar a governança de Portngal fez sobre esso juramento com algumas condições declaradas

Tanto que o Conde pelo Papa foi dado por Regedor de Portugal, elle, e os ditos Prelados, e Cavalleiros do Regno, por acordo que sobre esso antes se tomou se vieram todos á Cidade de Pariz, onde dentro nas cazas do Mestre Perochel da Cidade, sendo elle prezente, e Mestre Joham, Capelão do Papa Adaião da Igreja da Carnota, e Soeiro Soares Chançarel, e Estevão Annes Cavalleiro do Conde, e

assi sendo prezentes os ditos Arcebispos, e Bispo, e Cavalleiros, e outras muitas pessoas Religiozas do Regno de Portugal, o dito Conde em prezença de todos, e tendo as mãos sobre um livro dos Santos Evangelhos, fez solenne juramento nesta fórma.

«Eu Dom Affonso, Conde de Bolonha, filho Del-Rei Dom Affonso de crara memoria, Rei que foi de Portugal, prometo, e juro sobre estes Santos Evangelhos de Deos, que por qualquer titulo, que eu aja o Regno de Portugal, eu guarde, e faça guardar aos Concelhos, e todo o povo, e Religiosos, e Clerezia de todo o Regno todolos bons costumes, e foros escritos, e não escritos, os quaes houveram, e tiveram com meu avô, e com meu visavô, e que tire todos os maos costumes, e abozões, que vieram por algumas necessidades, ou que pozeram algumas pessoas em tempo do meu padre, e de meu irmão, especialmente, que não leixe, nem consinta nenhum mau costume, que ha no Regno de se com mudar a Justiça que ha de morte de um homem em pena de dinheiro, e que eu faça, que os Juizes, onde quer que os houver de poer, sejam justos, e sem cobiça, e amadores de fazer justiça, e direito sem medo de nenhumas pessoas, e esto a quanto eu puder, e entender segundo me Deos ajudar, e que sejam feitos por eleição dos mesmos povos, que elles houverem de reger, e não por afeição, nem rogo, nem pera oprimir, e despeitar o povo, que hão de julgar em justiça, e em direito, e que este juramento me farão os Juizes quando receberem os officios.

«Item, que eu tire Inquirição por mi, ou por outrem se taes Juizes cumprem o que juraram, e os que não fizerem o que devem que lhes mande dar tal pena, que a elles seja escarmento, e a outros castigo.

«Item, que aquelles, que forçarem quaesquer molhe-

res, ou matarem Clerigo, ou Frade, ou qualquer outra pessoa, que eu faça delles taes justiças, que a sua pena castigue os outros.

«Item, que defenda, e mantenha em seu estado quanto eu puder as Igrejas, e Moesteiros, e Lugares Religiosos fazendo-lhes entregar qualquer couza, que lhe foi tomada, e que quaesquer males, e sem razões, que alguns sejam em posse de fazer des o tempo de meu irmão até agora que não lhe valha alegança de tempo perlongado.

«Item, que eu faça emendar segundo meu poder, com conselho dos Prelados, e dos do Regno todolos males, que até qui foram feitos em elle, e reformarei paz quanto poder não leixando sem pena taes couzas passar nem as consentindo fazer no dito Regno.

«Item, que segundo me Deos ministrar, e eu puder, que bem, e lealmente reja, e aministre o dito Regno de Portugal desque em elle for, e faça especialmente fazer justiça, dando a cada um segundo seu merecimento não asseitando pessoas pobres, nem ricas.

«Item, que reja todo bom estado da terra, e proveito do dito Regno com conselho dos Prelados, e povos delle, e ser sempre obediente, e devoto á Igreja de Roma, minha madre, e assi como fiel, e Catholico, e como todo Principe Christão deve ser, e que guardarei estas couzas sobreditas segundo meu poder, e e me Deos ministrar».

E depois que o dito Conde jurou estas cousas, e outras mais a estas conformes, todolos que eram prezentes assináram o juramento, e desso passaram escrituras pubricas, que os Prelados trouxeram a Portugal.

CAPITULO VI

Das Bullas e Provizões do Papa, que o Conde trouxe a Portugal pera os do Regno sobre sua governança, e assi outra Bulla que sobre o mesmo caso enviou aos Frades de S. Francisco

Como o Conde fez este juramento, procurou logo de aviar as couzas mais necessarias pera a sua vinda, e álem de sua fazenda lhe compria a honra de sua pessoa, e serviço, e repairo de sua caza, e familia.

A tradução destas Bullas andam muito viciadas nas copias desta Chronica, e se acham em outros livros, e por esta, e outras cauzas senão imprimem neste Capitulo.

CAPITULO VII

De como o Conde de Bolonha chegou a Portugal, e com elle um delegado do Papa, e das notificações que logo fizeram a El-Rei D. Sancho

Despedidas as Bulas do Papa, e aparelhadas as couzas, que ao Conde para seu caminho mais cumpriam, se despedio da Condessa de Bolonha sua molher, que havia nome Dona Matildes, a qual fora já outra vez cazada, e era da linhagem dos Rex de França, e molher, em que havia singula-

res bondades, e vertudes, e tinham muitas terras, e grande fazenda, e dahi com os Prelados, e Cavalleiros Portuguezes, que o foram requerer, se veio a este Reino, e com elle enviou mais o Papa por seu Delegado pera estas couzas de Portugal Frei Desiderio, pessoa sm que havia doutrina, e sinaes de bom Religioso, pera que em nome do Papa, e da sua parte requeresse, que entregassem ao Conde os Castellos do Regno, nos quaes pozesse Alcaides, e as Villas, e terras, em que fizesse Juizes com que o Regno se mantivesse em paz, e justiça, e por tal, que nas Fortalezas principalmente se não acolhessem os mal feitoras, que nas pessoas, que em todo lhe não obedecessem, pozesse sentença de excommunhão, e como chegaram ao Estremo de Portugal, o Conde por suas cartas noteficou logo sua vinda a todolo Regno, dizendo em seu titulo: «Dom Affonso, filho do muito nobre Rei Dom Affonso por graça de Deos, Conde de Bolonha, e Procurador, e defensor do Regno de Portugal». E assi noteficou a El-Rei Dom Sancho seu irmão, como a requerimento do Regno vinha, e não pera ser Rei, mas pera lhe reger, e governar o Regno, e se fazer nelle direito, e justiça, que se não fazia, e lhe conheceria senhorio, como a seu Rei, e Senhor, salvo a cerca daquelles, em cujo poder, e mãos andava, e porque tão mal aconselhado, e por cuja cauza tantos males no Regno eram feitos, e com esto lhe enviou o Delegado um Breve do Papa.

CAPITULO VIII

Como El Rei Dom Sancho mal aconselhado se foi com os de sua valia pedir soccorro a Castella, e como veio em sua ajuda o Ifante Dom Affonso de Molina com outros grandes, e gentes de Castella

El-Rei Dom Sancho a este tempo era em Coimbra, e como vio as cartas do Papa, e de seu irmão, e soube que elle era entrado no Regno onde inteiramente lhe obedeciam, elle de si mesmo foi muito trovado, e o fizeram ser muito mais os homens maos, e perversos Conselheiros, que consigo trazia, porque receáram executar-se nelles sem escuza as penas, que por seus desmerecimentos, e grandes delitos mereciam, e estes lhe fizeram que não cresse, nem obedecesse a couza, que o Papa, nem seu irmão lhe escrevesse, nem outros por seu bem lhe dicessem, porque o bem, nem asecego del-Rei, em cazo que depois o tivesse não asegurava, nem descançava aos que o seguiam, pelo qual de seu parecer delles, e como desesperado doutro bom conselho, sem receber dano de pessoa alguma, nem lhe ser feita desobediencia, nem contradição, se foi logo a Castella com fundamento de pedir soccorro contra seu irmão, a El-Rei Dom Fernando, deste nome o segundo, que então nelle Regnava, que era seu primo com irmão, filhos de duas irmãs da Rainha Dona Biringela, madre del-Rei Dom Fernando, e Dona Orraca, madre del-Rei Dom Sancho, ou ao menos pedir este soccorro e ajuda ao Ifante Dom Affonso, filho herdeiro do dito Rei Dom Fer-

nando, que em Castella e Lião, já tinha grande poder, e muita autoridade.

E com este proposito chegou a Toledo andando a era em mil e duzentos quarenta e sete annos (1247) antes um anno que Sevilha fosse aos Mouros tomada. A este tempo El-Rei Dom Fernando veo a Toledo, tendo tomado Cordova, e já com dezejo, e fundamento de ir cercar, e tomar Sevilha, se podesse, ao qual El-Rei Dom Sancho de Portugal seu primo, dice logo, que a causa de sua ida a elle, era pera lhe fazer saber, o que elle teria sabido, que seu irmão o Ifante Dom Affonso Conde de Bolonha, entrára em seu Regno de Portugal, e com ajuda e favor dalguns seus naturaes, se alçara contra elle, e que o tinham recebido por Senhor, e que porém lhe pedia, como a Rei tão poderoso, e que com elle era tão conjunto em parentesco, que em tamanha força lhe desse ajuda e favor com que inteiramente cobrasse seu Regno, e lançasse delle fóra seu irmão, que individamente lho tinha tomado, e que pois não tinha filho que o herdasse, que depois de sua morte ficasse Portugal a elle, ou a seu filho herdeiro.

Da qual couza prouve a El-Rei Dom Fernando, e pondo-a em obra ordenou logo pera vir a Portugal o Ifante Dom Affonso de Molina, seu irmão, filhos ambos del-Rei Dom Affonso de Lião, e da Rainha Dona Biringela, e com elle Dom Diogo Lopes de Haro, Senhor de Biscaya, e Dom Nuno Gonçalves de Lara, e Dom Ruy Gomes de Galiza, e Dom Ramilo Frole, e Dom Rodrigo Froyas, bom Cavalleiro, e Dom Fernando Anes de Lima, e outros grandes senhores, e com elles muitas gentes de pé, e de cavallo, com que entráram em Portugal pela Comarca de Riba de Coa, que a este tempo ainda era de Castella, e por elles fazerem sua entrada pela terra da Beira, que toda estava á

obediencia del Rei Dom Sancho, não houveram no caminho contradição, nem resistencia alguma, e assi chegaram ao lugar de Abiul, que é a quatro legoas de Leiria.

E o Conde Dom Affonso de Bolonha tanto que entrou no Regno, tanta alegria receberam os Portuguezes com sua vinda, sabendo quem era, e como vinha a seu requerimento, que os mais dos Lugares por as proprias vontades dos moradores delles se lhe davam, e aquelles em que achava alguma contradição logo por execuções que o Delegado sobre elles punha, ou por combates, ou forças não tardou em os cobrar todos salvo Coimbra, em que estava Martim de Freitas, e Celorico da Beira, em que estava Dom Fernão Rodrigues Pacheco, que ambos as tinham por El-Rei Dom Sancho de que ao diante direi.

CAPITULO IX

Como pelas deligencias do Conde de Bolonha El-Rei Dom Sancho se tornou a Castella, e do quê se passou no caminho com os Cavalleiros de Trancozo

E SABENDO o Conde de Bolonha da entrada del-Rei seu irmão no Regno com o Ifante Dom Affonso de Moliña, e com os Cavalleiros, e gentes de Castella, logo percebeo, e houve pera ter, e trazer comsigo por defenção do Regno as mais gentes que pode, e com ellas se veio a Obidos, e avizou a Dom João Arcebispo de Braga, e a Dom Domingos, que então era Bispo de Coimbra, os quaes lhe disseram que elles pela comissão do Papa, haviam o dito Ifante Dom

Affonso de Molina com todolos Senhores, e gentes de Castella por excomungados, e malditos, e desso tomáram estromentos, e por esta cauza El Rei, e o Ifante não passáram de Abiul, e se tornaram pera Castella sem no Regno, nem nas gentes, e couzas delle fazerem algum mal, nem dano; e principalmente se tornaram, e não proseguiram adiante, porque El-Rei Dom Sancho pelas dezordens, e males passados, a que nunca provera, era de todolos mais do Regno mui dezamado, e mal quisto, e o Conde pelo contrairo álem desso era já das mais forças delle de todo apoderado, e por esta cauza o Ifante Dom Affonso com outros Senhores, que vieram em ajuda del-Rei, vendo o pouco qne lhe podiam aproveitar, e o muito dano, que se podia seguir, aconselharam ao dito Rei Dom Sancho, que ou ficasse em seu Regno, segundo lhe era apontado, ou se fosse com elles a Castella.

Este derradeiro houve El-Rei por melhor, sendo pior conselho, e porém El-Rei Dom Sancho tinha feitas doações ao Ifante Dom Pedro seu primo de muitas Villas, e Castellos principaes de Portugal, em grande dano da Coroa do Regno, as quaes por sua injusta concessão não houveram nunca efeito, como quer que o dito Ifante depois o procurasse, e requeresse aficadamente por intercessões do Papa, que sobre esso escreveo algumas vezes ao Conde de Bolonha, que justamente sempre se escuzou.

E acha-se, que em tornando El-Rei pera Castella, achegou ao Lugar de Moreira, que é junto da Villa de Trancozo, na qual a esse tempo estava Dom Gonçalo Garcia, e Dom Fernão Garcia de Souza, que diceram Esgaravunha, que foi bom trovador, e Dom Fernando Lopes, e Dom Diogo Lopes, todos quatro irmãos, filhos de Dom Garcia Mendes de Souza, filho do Conde Dom Mendo o Souzão, e de Dona Elvira

Gonçalves, filha de Dom Gonçalo Paes de Toronho, que eram nobres homens, e mui principaes no Regno, e Dom Fernão Garcia sabendo da vindá de Castella del Rei por conselho de seus irmãos com um só Escudeiro, a que deram sua lança, e sendo elle vestido de todalas outras suas armas se foi a Moreira, onde estava El-Rei, e o Ifante, e os outros Senhores, e posto ante elles tirou o Elmo da cabeça, e com os joelhos em terra beijou a mão a El-Rei, e ao Ifante Dom Affonso, e como se levantou, fez reverencia a Dom Diogo, e a todolos outros homens hónrados, que eram prezentes, salvo a Dom Martim Gil de Soverosa, que era o principal homem; porque El-Rei Dom Sancho com quebra de seu Estado se regia.

E perguntando Dom Fernão Garcia a El-Rei se o conhecia? Elle dice que si, e que era seu natural vassallo, e D. Fernão Garcia lhe tornou dizendo: «Senhor meus irmãos, que estão em Trancozo, e por cujo mandado venho como vossos vassallos, e naturaes, vos mandam pedir, e requerer, por ante o Ifante vosso primo, e estes Senhores que aqui estão, que vos vades pera aquella Villa, na qual, e em seu Castello vos receberão como a seu Rei, e Senhor, e assi em todolos outros de redor, que são a seu cargo, com tanto que não leveis com vosco Martim Gil, que aqui está, nem os seus, que destruiram vossa terra, e elle matou, e leixou os que quiz, sem querer que dos seus e doutros mal feitores se fizesse alguma justiça, ca certamente vós não tinheis de Rei mais que o nome, e a muito alta linhagem, e Real sangue de que decendeis, porque no efeito elle era Rei, e com este tamanho credito que lhe destes vos teem mui mal servido, em especial por seu mao conselho, por cuja cauza vós viestes ao estado em que agora estaes. E se elle dicer que não é assi eu por minha verdade, e por sua confuzão

me combaterei com elle, e lhe porei as mãos, e o corpo, ca por esso venho aqui armado, e alli á porta tenho o cavallo, e sobresso espero em Deos, que eu o matarei, ou por sua boca lhe farei confeçar que mui mal, e como não devia vos teem aconselhado, e com grande quebra e mingoa de vosso Estado, e de vossa terra».

Este Martim Gil era Cavalleiro, e de honrada caza, e de grande esforço, porque este foi o que com grande e bom nome seu, venceo a lide do Porto. E ouvindo estas palavras a Dom Fernão Garcia, ficou muito injuriado, e abatido especialmente, porque áquella hora não lhe respondeo como a sua honra compria porque sómente lhe dice: «Dom Fernão Garcia dizeis mal, e do que dicestes vos não deveis de achar bem, se eu não morro». Polo qual Dom Martim Gil, fez logo mostrança a alguns dos seus que alli estavam que lhe fossem ter ao caminho, e o matassem, e Dom Fernão Garcia que os vio, e entendeo bem a má tenção com que sabiam, antes doutra couza dice a El-Rei: «Senhor, vós quereis ir pera Trancozo, como vos tenho requerido?» E El-Rei lhe respondeo, que não, e então tornou D. Fernão Garcia, e dice ao Ifante D. Affonso: «Senhor, sereis testemunha vós, e esses Senhores que aqui estades da oferta, que por meus irmãos, e por mi vim fazer a El Rei».

E com dito esto volveo o rosto contra Dom Diogo Lopes, e a Dom Nuno de Lara, e dice-lhes: «Bem vistes Senhores a offerta, que por limpeza, e lealdade minha, e de meus irmãos fiz com El-Rei, e assi ouvistes o que tambem dice a Dom Martim Gil, que aqui está, e não querendo por seu corpo tornar a esso, como por sua honra devia, mandou aquelles seus, que daqui partiram, que me vão ter ao caminho pera desacompanhado me matarem, porque vos peço, como a nobres, e honrados Cavalleiros, que por boa mezura me man-

deis poer em salvo em Trancozo». E logo Dom Affonso se levantou, e dice: «Martim Gil vós não atentaste no que Dom Fernão Garcia vos dice? o que deveres de fazer, ca me parece que vos toca por maneira de traição, e não lhe quereis poer as mãos, como deveis, e vos elle requer?»

E Dom Martim Gil brevemente dice, que dava poúco por suas palavras vãs, pelo qual estes Senhores diceram a El-Rei, que Dom Fernão Garcia, e os nobres homens que eram em Trancozo não podiam fazer melhor comprimento, porque com elle compriam, como bons vassallos quanto deviam, e que dahi por diante qualquer culpa que hi ouvesse, que era del-Rei, e não delles, e logo Dom Diogo, e Dom Nuno com esses bons homens que hi eram cavalgaram, e foram-se com Dom Fernão Garcia até Trancozo, donde sahiram seus irmãos e outra boa, e nobre gente, que hi eram, e lhe tiveram em mercê sua vinda, e depois de praticarem sobre as couzas que pendiam, Dom Diogo, e Dom Nuno se tornaram pera o Ifante Dom Affonso, que jnntos com El-Rei Dom Sancho se foram todos pera Castella, e com elles este Dom Martim Gil, que era Portuguez, e homem muito honrado, o que com medo do Conde Dom Affonso não ouzou de ficar, e se foi tambem a Castella com El-Rei Dom Sancho, e lá faleceo, e foi del-Rei D. Affonso Decimo, com quem viveo havido por Rico homem, e em grande estima, e por tál está posto por testamenteiro, com outros no testamento del-Rei, quando por desagardecimentos do Ifante Dom Sancho seu filho, o deserdou de Castella, ainda que seu deserdamento não houve efeito.

CAPITULO X

Como o Conde cercou em Celorico da Beira a Dom Fernão Rodrigues Pacheco, que lhe não quiz obedecer, e como por causa de uma truita se alevantou o cerco

O CONDE de Bolonha governador como entrou no Regno segundo atraz já dice, logo por força, ou por vontade, ou a sua obediencia todalas Cidades, Villas, e Castellos do Regno, em que entraram todalas que El-Rei Dom Sancho tinha dado em Portugal ao Ifante Dom Affonso de Molina por entrar com elle, e em sua ajuda no Regno, do que o dito Ifante se mandou queixar ao Papa, e assi com elle outros Cavalleiros, e Alcaides de Portugal, pelo Conde de Bolonha lhes tomar contra suas vontades os Castellos que tinham por suas menagens, e destes o Papa se escuzou havendo que o Conde pera asecego, e boa governança do Regno fazia o que devia, mas sómente escreveo ao Conde rogando-lhe pelos Castellos, que por El-Rei Dom Sancho eram dados ao Ifante Dom Affonso de Molina, ao que não satisfez pelos grandes inconvenientes que nesto havia, e porque soube que eram cartas, e rogos de comprimento.

Neste tempo depois del-Rei D. Sancho ser em Castella, porque o Castello de Celorico da Beira, que tinha Dom Fernão Rodrigues Pacheco, e o de Coimbra, que tinha Dom Martim de Freitas, ficaram sómente por El-Rei, como atrás dice, o Conde depois de sua partida lhes mandou dizer, e rogar que lhos quizessem entregar, como os outros tinham já feito em

todo o Regno, prometendo-lhe por esso além de fazerem o que deviam mercê, e bom galardão. E cada um por si lhe respondeo: «Que elles tinham feita menagem a El-Rei Dom Sancho, seu Rei e Senhor, e que em quanto elle fosse vivo, posto que andasse em Castella, não deviam de entregar seus Castellos, se não a elle, de cuja mão os receberam, ou por seu especial mandado, e do Papa, nem por outro algum temor, os não haviam de entregar, em cazo, que sobresso fossem excommungados, e padecessem cercos, e quaesquer outras fadigas, e tormentos».

Pelo qual vendo o Conde sua tão firme determinação, e que pera o que dezejava não aproveitavam muito suas repricas brandas, que fez, detreminou cerca-los, e poz logo cerco em pessoa sobre Celorico, ca este por ser mais junto á frontaria de Castella houve por melhor cobrar-se logo, e este mandou combater muitas vezes, mas por sua fortaleza, e por a boa gente que o defendia, não se podia cobrar por força, e durou o cerco tanto tempo, que por o Castello não ter soccorro, nem lhe poder vir provizão de mantimentos de fóra, foram os de dentro postos em tanta estreiteza de fome, e doutras necessidades que por não morrerem; tão cruas e dezesperadas mortes, como se lhes ofereciam, estavam pera se dar, e entregar o Castello, e não sofrer mais apertos de tão perversa lealdade.

E estando nesta afronta se diz, que Dom Fernão Rodrigues Pacheco se alevantou um dia muito cedo, e andando pelo muro cuidando na preça, em que estava, e sobresso posto em desvairados pensamentos sem determinadamente saber o que faria, lembrandose de Deos, lhe pedia muito de coração, que por sua misericordia por alguma maneira lhe socorresse, por tal, que não cahisse em tamanha mingoa de sua honra, como seria dar aquelle Castello se não a El-Rei,

que lho dera, e porque lhe tinha feita menagem, e que durando nesta maginação, e oração, que vio vir contra a ribeira do Mondego, que é ahi junto, uma Aguia, que trazia nas unhas uma grande truita, e que voando por sima do Castello lhe cahio dentro, ainda mui fresca, com que algum tanto logo se alegrou, e que a mesma truita, e com desse melhor pão, que no Castello se pode haver, e aparelhar, mandou todo em prezente ao Conde no arraial, que tinha cercado, e lhe mandou dizer: «Que bem o poderia ter cercado quanto fosse sua mercê, mas que se por fome o esperava tomar, que visse se os homens, que daquella vianda eram bem bastecidos, se teriam rezão de entregar-lhe contra suas honras o Castello». Da qual couza o Conde, e estes a que do prezente deu parte, foram assás maravilhados, e vendo, que por longar mais o cerco alli, não aproveitava, e em outras muitas partes danaria, alevantou o cerco sobre Celorico, e o foi pôr sobre Coimbra.

CAPITULO XI

Como o Conde foi cercar o Castello de Coimbra, que tinha Martim de Freitas, por El Rei Dom Sancho, e das afrontas que passou no cerco

O CONDE como chegou a Coimbra antes de fazer grandes aparelhos pera o cerco e combates mandou dizer a Dom Martim de Freitas: «Que lhe entregasse a Cidade, e o Castello, como por muitas vezes já lhe mandara requerer, e por esso lhe faria muita mercê, porque se o assi não fizesse, que o combateria, e o cobraria tudo com sua perda, e dano». E

Dom Martim de Freitas lhe respondeo: «Que sua mercê poderia comprir sua vontade, e fazer o que quizesse, porém que fosse certo, que em quanto soubesse que El-Rei Dom Sancho seu Rei, e Senhor, era vivo, que lho não entregaria sem seu mandado, ou sabendo, que era morto, e que o não ameaçasse com morte, nem perigos, porque tudo padeceria com bom coração por inteiramente comprir com sua lealdade». Pelo qual o Conde assentou seu cerco sobre o Castello, e ordenou seus combates, com que logo, e depois o combateo muitas vezes, em que de uma parte, e da outra houve mortos e feridos.

Mas o alcaide, e os que por sua defenção comsigo tinha eram taes, que os cometimentos do Conde não aproveitavam pera cobrar o Castello por força, da qual cauza anojado o Conde fez juramento a Deos de nunca se alevantar de sobre elle até o tomar por força, ou por fome, e assi o fez porque o cerco foi tão porlongado, que os de dentro por falecimento dagoa, e de provizões, que já não tinham, como desesperados comiam, e bebiam couzas mui contrairas, e descostumadas da natureza humana, que não ficáram bestas, cães, gatos vivos, nem os couros das alimarias mortas. E sendo o Conde desto certificado os mandava afrontar, e requerer cada dia: «Que se dessem, e não padecessem sem cauza, e por contumacia tão asperas cruezas, que a sua tal façanha era vã, que não podia, nem devia levar ao diante».

Ao que Dom Martim de Freitas por sua honra, e fama não queria obedecer, e dice, que durando este cerco, padecendo já de dentro grande, e mortal necessidade de sede, que porque viram um Cavalleiro do Conde cavalgado pelo rio do Mondego passar, e que o cavallo de farto não provou agoa, e que os de dentro magoados por sua mingoa, e envejozos da bem-

aventurança da alimaria, fizeram sobresso grandes lamentações, com que alguns parentes, e amigos do Alcaide lhe aconselhavam: «Que pois os padecimentos incomportaveis que sofriam sem esperança de ajuda, nem soccorro estranho eram taes, que já se não podiam comportar, e elle no Regno era só o que sostinha tal profia, que por dar a elle, e aos seus as vidas, désse o Castello ao Conde».

Dom Martim de Freitas lhes respondeo: «Parentes, e meus amigos, que aqui estaes, nunca Deos queira, que obedecendo a esse vosso concelho eu ponha tão grande magoa sobre minha limpeza, nem consinta tamanha traição sobre minha honra, e lealdade, nas quaes todas encorreria se desse este Castello senão a quem por minha menagem mo deu, em quanto elle for vivo, e ami não fica por ver, e conhecer craramente as grandes tribulações que vós, e eu, e todos aqui padecemos, mas se vós quizerdes trazer a vossas memorias, e poer ante estas vossas necessidades outras muito maiores fomes, e males, que muitos sendo cercados já padeceram, achareis que por manterem suas lealdades depois que todalas couzas lhe faleciam a comerem as raizes das viz ervas, se sostiveram, pelo qual deste temor e afronta prazerá a Deos por sua piedade, que bom nome, e segurança nossa sedo nos livrará, e em algum tempo vos alegrareis contardes a vossos filhos e amigos estes males que padeceis, com que não acrecentareis pouco em vosso louvor e merecimento, e obrigação de bondade, e lealdade, que a outros em semelhantes cazos confrangeo, e essa mesma neste cazo nosso nos não desobriga, ca em outra maneira as vidas, que salvamos, durarão poucos dias, e a infamia, e deshonra, que por esso recebemos, durarão pera sempre, pelo qual vos rogo, que em quanto poderdes não faleçais, e me ajudeis, ca Deos nos acorrerá, e es-

te mal prazendo a elle não durará muito, e por ventura se algum de vós pera seu serviço, ou pera outra sua deleitação tiverem dezejos de molheres dizei-mo, que aqui está minha filha, que é boa donzella, e que muito amo a que eu mandarei que em tudo vos sirva de boamente, porque com melhor vontade consentirei, e menos me doerá, que ella perca a vertude de sua virgindade, que por mingoa de vós outros, perder eu minha lealdade, e ser constrangido a fazer tamanha traição, como seria dar como não devo este Castello a quem mo não deu».

Com estas palavras, que Dom Martim de Freitas dice, ficaram todos muito maravilhados, e louvando muito sua bondade, se esforçaram, e lhe prometeram, que ora fosse com rezão, ou sem ella, elles por satisfazer a seu dezejo por algum cazo, e afronta, que sobreviesse, o não leixariam, antes todos morreriam primeiro com elle.

CAPITULO XII

Como pela morte del-Rei Dom Sancho, Dom Martim de Freitas entregou o Castello de Coimbra, e das deligencias e exames que primeiro fez por limpeza de sua rigorosa lealdade

Estando Dom Martim de Freitas nesta afronta com El-Rei, e havendo já um anno e quatro mezes, que El-Rei Dom Sancho fora pera Castella, prouve a Deos de o levar deste mundo, e faleceo em Toledo, como adiante direi, e sendo de sua morte certificado o Conde seu irmão, tendo ainda o cerco sobre Coimbra, como Principe em que ha-

via muita prudencia, e grande piedade, mandou logo ajuntar muito pão, e vinho, e carnes, e pescados, e outras maneiras de refrescos, e mandou levar tudo ao Castello, enviando dizer ao Alcaide: «Que fosse certo, que El-Rei Dom Sancho seu irmão era já falecido, e que lhe daria tempo, em que por elle em pessoa, ou por outrem, podesse haver desso verdadeira certidão, com a qual entregasse o Castello».

Dom Martim escolheo certificar-se por si mesmo. E o Conde o segurou da hida e estada, e ser livre até tornar ao dito Castello, que então se não combateria. Dom Martim de Freitas chegou a Toledo, e como quer que por muitos fosse certificado da morte del-Rei Dom Sancho, que no Moimento que mostraram o viram sepultar, elle o não quiz crer, mas por mór certeza fez tirar a campa que o cobria, e como o vio, e achou que em certo era aquelle, se diz, que prezente muitas testemunhas, que trouxe por comprir com sua menagem poz as chaves do Castello de Coimbra, que levava, no proprio braço direito del-Rei Dom Sancho, e depois de lhe fazer por ellas entrega do dito Castello lhas tirou, e trouxe comsigo a Portugal, e desso tomou escrituras pubricas, e fez cerrar o Moimento, e se tornou a Coimbra, e dentro entrou secretamente no Castello, e ao outro dia mandou logo dizer ao Conde que o fosse receber, porque já lho podia entregar, e lhe devia obedecer: e que a elle, e não a outro algum o entregaria com boa vontade.

O Conde foi logo ao Castello, e o Alcaide abrio logo as portas delle, e tomou a molher, e a filha, e as poz fóra dizendo: «Leixemos este Castello a cujo é». E com esso se poz de joelhos diante o Conde, e com as chaves delle nas mãos alevantadas lhe dice: «Senhor, pois a Deos prouve que El-Rei Dom Sancho, vosso irmão falecesse tomai vossas chaves, e vosso

Castello, e daqui por diante eu vos servirei, e haverei por Rei, e Senhor». E logo amostrou ao Conde, e á nobre gente que era com elle as escrituras das deligencias, que em Toledo por sua honra, e descargo fizera, e acertou-se que um Cavalleiro do Conde, que era prezente dice a Dom Martim de Freitas: «Que porque não pedia perdão ao Conde, por quanto nojo e desserviço lhe fizera, e por lhe ferir, e matar tanta gente, denegando-lhe tanto tempo a entrega e obediencia do Castello, que era seu».

E Dom Martim em se querendo escuzar pera não dever de pedir tal perdão, acudio mui prestes o Conde, e dice ao fidalgo, que o reprendia: «Que semelhante perdão em tal cazo Dom Martim não era obrigado de pedir, porque elle não fizera erro, mas tinha feita boa façanha dina de bom Cavalleiro, e leal fidalgo». E por ella lhe tornava a dar o dito Castello pera elle, e pera todos os que delle decendessem, fazendo menagem a elle, e a todos seus herdeiros. E Dom Martim lhe respondeo: «Que lho tinha muito em mercê; mas que elle por alguma maneira não tomaria o dito Castello, antes lançava maldição a seus filhos, e netos, e a todolos que delle descendessem até o quarto grao se por Castello fizessem menagem a Rei, nem a outra pessoa de qualquer condição que fosse».

E com esto assi concertado o Conde leixou o Castello de Coimbra, como devia, e se tornou outra vez a Celorico, onde Dom Fernão Rodrigues estava, porque da morte del-Rei Dom Sancho era já bem certificado, e assi sabia que o Castello de Coimbra já era entregue, deu logo ao Conde o Castello sem mais resistencia, nem cautella. Estes dous foram os derradeiros Castellos de Portugal que ao Conde obedeceram.

CAPITULO XIII

Da morte del-Rei Dom Sancho, e onde jaz, e de algumas cousas que se em seu tempo passaram

El-Rei Dom Sancho depois da segunda vez que tornou a Toledo nunca dahi mais se partio onde com sua vida, e costumes passados em grandes virtudes, e com sinaes de bom, e Catholico Christão acabou sua vida em idade de quarenta annos, na era de mil duzentos quarenta e sete annos (1247) que dos quaes Reinou vinte e quatro, a saber vinte e dous em Portugal, e dous estando em Castella, e seu corpo foi sepultado na Capella dos Rex da Sé de Toledo, que elle mandou fazer á sua propria custa, e assi deu grandes ajudas pera o acabamento da dita Sé, que se então fazia por El Rei Dom Fernando, que de mesquita, que era a mandou refazer em fórma das outras Igrejas, como agora está, porque quando El-Rei Dom Sancho se foi pera Castella, levou comsigo muitas joias, e grandes riquezas, que ficaram del-Rei Dom Affonso seu padre, e del-Rei Dom Sancho seu avô; das quaes algumas não tornaram a Portugal, e todas se gastáram em Castella.

Este Rei Dom Sancho no começo de seu Regnado deu á Ordem de San Tiago em desvairados tempos, e por apertadas doações, as Villas de Mertola e Daljustrel, as quaes Villas tomou aos Mouros Dom Payo Correa, Mestre de San Tiago de Castella, e porque eram da conquista de Portugal as tornou a El-Rei Dom Sancho, que dellas fez as ditas doações á dita Ordem. E como estas Villas se ganharam, na Coronica del-Rei Dom Affonso Conde de Bolonha, se dirá mais

largo, e El Rei Dom Sancho povorou de fogo morto a Cidade da Idanha a velha, sendo de todo destroida dos Mouros, e depois que El-Rei Dom Sancho seu avô a leixou á Ordem do Templo, e o dito Rei Dom Sancho faleceo sem filho, nem filha legitimos, nem bastardos, que se soubesse.

E dahi a um anno, em dia de São Clemente a vinte e tres dias de Novembro do anno de mil duzentos e quarenta e oito annos, El Rei Dom Fernando tomou por cerco a Cidade de Sevilha aos Mouros, e dahi a tres annos e meio, nella faleceo, e ahi jaz sepultado, e havia treze annos que tambem tomára Cordova salteada primeiro, e entrada por certos Christãos Almogaveis, e foi socorrida, e mantida por o mesmo Rei Dom Fernando.

E em Regnando este Rei Dom Sancho faleceram de suas vidas por muitos, e grandes milagres São Domingos, que faleceo em Bolonha, no anno de mil duzentos e vinte sete (1227) e Sancto Antonio, natural da Cidade de Lisboa, em Padua, os quaes suas mui sanctas vidas foram em seu tempo deste Rei Dom Sancho, todos Canonizados, e referidos ao numero dos Sanctos, por o Papa Gregorio IX, o qual Canonizou Sancto Antonio na Cidade Despoleto em Italia anno de mil duzentos trinta e um (1231.)

DEO GRATIAS

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS

A

Affonso II (El-Rei D.) de Portugal, em que anno morreo, pag. 19

Affonso (D.) Conde de Bolonha é nomeado pelo Papa Innocencio IV para Covernador do Reino de Portugal, pela incapacidade de seu irmão D. Sancho II, pag. 28. Na Cidade de Pariz na prezença de muitos Prelados e Cavalleiros, toma o juramento do Governo do Reino, e de que forma o fez, pag. 28. Deixa sua mulher a Coudessa Dona Matilde em França, e parte para Portugal, e do modo como se intitulava pag. 32. Cerca o Castello de Celorico, que governava Fernão Rodrigues Pacheco, e o levanta por cauza de um celebre estratagema de que este uzou, pag. 42. Põe cerco ao Castello de Coimbra, e da resistencia que lhe fez Martim de Freitas, que o governava, até que sabendo da morte del-Rei D. Sancho II lho entregou, pag. 42 a 47.

Affonso de Molina (D.) irmão de D. Fernando Rei de Lião, acompanhado de muitos Cavalleiros, e Soldados, entram por Portugal á petição del-Rei D. Sancho II para lançar fóra delle a seu irmão o Conde de Bolonha, pag. 34. Volta com os que o acompanhavam para Castella temerozo das censuras da Igreja, pag. 36.

Aljustrel. Foi tomada aos Mouros por D. Payo Correa, e dada por El-Rei D. Sancho II á Ordem de San-Tiago, pag. 48.

Alvaro Pires de Castro, (D.) filho de D. Pedro Fernandes de Castro o Castelão, foi cazado com D. Mecia Lopes, que depois cazou com El-Rei Dom Sancho II, pag. 21.

Antonio, (Santo) em que anno foi Canonizado por Gregorio IX, pag. 49.

B

Beringella (D.) mulher del-Rei D. Affonso de Lião. tia del-Rei D. Saucho II, de Portugal, o aconselha muitas vezes a que caze, por ser muito conveniente ao seu Reino, e elle o não executa, pag. 20.

C

Celorico. E' cercado o seu Castello por D. Affonos Conde de Bolonha, e levanta o sitio por um estratagema de que uzou D. Fernão Rodrigues Pacheco, que o governava, pag. 42.

D

Desiderio (Fr.) é delegado doPapa Innocencio IV, para que entregue os Castellos, e Fortalezas de Portugal á obediencia de D. Affonso Conde de Bolonha, pag. 32.

Domingos, (S.) donde, e quando falleceo, pag. 49.

F

Fernando (D.) Rei de Lião, em que dia, e anno conquistou Sevilha, pag. 49 Faleceo nesta Cidade ibi.

Fernão Garcia de Souza, filho de D. Garcia Mendes de Souza, e neto do Conde D. Mendo o Souzão, offe-

rece a El-Rei D. Sancho II, quando voltava para Castella sem esperança de governar em Portugal, que se recolhe-se a Trancozo, e da pratica que fez a El-Rei em Moreira contra Martim Gil, pag. 36 e 37.

Fernão Rodrigues Pacheco, governando Celorico, e sendo sitiado por D. Affonso Conde de Bolonha levanta o sitio por cauza de um celebre estratagema de que uzou, pag. 42.

H

Honorio III expede uma Bulla a Sancho II de Portugal, em que lhe adverte queira emendar os absurdos que se cometem no seu Reino, e o excomunga se não obedecer, sendo executor destas censuras o Arcebispo de Braga, pag. 22. Segunda vez o notificà com palaras de maior severidade, e rigor, até que El-Rei obedece, pag. 23.

I

Idanha a Velha foi povoada por Sancho II. pag. 49.

Innocencio IV convoca Concilio em Lião, e nelle á petição dos Prelados e Conselheiros de Portugal nomea por Governador do Reino a D. Affonso Conde de Bolonha pela incapacidade de seu irmão D. Sancho II, pag. 25 e 26.

João (D.) Arcebispo de Braga com D. Tiburço Bispo de Coimbra, e outros Cavalleiros Portuguezes, vão ao Concilio de Lião onde reprezentam a Innocencio IV, que lhe nomeie Governador do Reino pela incapacidade de D. Saneho II, pag. 27.

L

Lopo (D.) senhor de Biscaia, foi pai de D. Mecia Lopes mulher de D. Sancho II, de Portugal, pag. 21.

Luis (S.), rei de França primo del-Rei D. Sancho II, de Portugal assistio no Concilio de Lião, que con-

vocou Innocencio IV, pag. 26. Foi conquistar a Terra Santa, levando comsigo sua espoza a Rainha Dona Margarida, ibi. Conquista a Cidade de Damiata, ibi. Morre no sitio da Cidade de Tunes, e seu filho D. João e é Canonizado pelo Papa Bonifacio VIII, pag. 27.

M

Martim de Freitas Governando o Castello de Coimbra, e sendo cercado por D. Affonso Conde de Bolonha animosamente o defende, pag. 43 a 45. Parte a Toledo para se certificar da morte del-Rei Dom Sancho II e achando ser certa lhe entregou às chaves do Castello de Coimbra, e depois voltando a ella o entrega a D. Affonso irmão do dito Rei defunto, pag. 46 e 47.

Martim Gil, cavalleiro honrado teve tenção de matar a D. Fernão Garcia de Souza, pelo que disse da sua pessoa a D. Sancho II em Moreira, pag. 38.

Mecia Lopes (D.) filha de D. Lopo Senhor de Biscaia, viuva de D. Alvaro Pires de Castro caza com D. Sancho II, pag. 21. E' separada violentamente del-Rei, e levada ao Castello de Ourem por estar nullamente cazada com elle, pag. 25.

Mertola foi conquistada dos Mouros por D. Payo Correa, e dada á Ordem de San-Tiago por Sancho II, pag. 48.

O

Orraca (D.) mãi del-Rei Dom Sancho II de Portugal, foi irmã de D. Beringela Rainha de Lião, pag. 20.

R

Reymão Viegas de Porto Carreiro, em companhia de D. Martim Gil de Soveroza, e de outros Cavalleiros levaram para o Castello de Ourem a D. Mecia, contra a vontade del-Rei D. Sancho II, pag. 25.

S

Sancho II, (D.) de Portugal em que idade foi levantado Rei, pag. 19. Porque lhe chamáram Capello não se sabe certamente, mas infere-se, ibi. Pela sua enercia padeceo o Reino repetidas perdas no tempo, que o governou, pag. 20. Caza com D. Mecia Lopes, filha de D. Lopo Senhor de Biscaya, ibi. E' admoestado pelos Prelados, e povos do Reino a que se aparte de D. Mecia, e o não executa, ibi. O Papa Honorio III, o exorta a que emende os absurdos de que é author, aliás que o excomungará, pag. 22. E' advertido por Gregorio IX a que largue a D. Mecia por estar nullamente cazado com ella, pag. 23. Tendo noticia de que seu irmão D. Affonso entrara no Reino para o governar parte a Castella para pedir soccorro a seu primo D. Fernando, pera que o lançasse fóra, e lho concede, pag. 33 e 34. Donde morreo, em que idade, e onde está enterrado. pag. 48. Deu á Ordem de San Tiago as Villas de Mertola, e Aljustrel, que conquistára D. Payo Correa, pag. 48.

Sevilha. Em que dia e anno foi conquistada por El-Rei D. Fernando de Lião, pag. 49. Nella morreo, e está sepultado o mesmo Rei ibi.

T

Tiburço (D.) bispo de Coimbra com D. João Arcebispo de Braga, e outros Cavalleiros Portuguezes vão ao Concilio de Lião, onde representam a Innocencio IV a necessidade que tem de que lhes nomeie Governador do Reino por ser incapaz D. Sancho II, pag. 25 e 26.

FIM

INDICE DOS CAPITULOS

I — Como o Ifante D. Sancho Capelo, foi alevantado por Rei, e das condições fracas que teve, e como cazou, e não como a sua honra e estado Real compria e se devia............ 19
II — Do que o Papa a requerimento dos Prelados, e povo de Portugal escreveo, e requereo a El-Rei Dom Sancho por sua Bulla......... 22
III — Como El-Rei Dom Sancho por amoestações do Papa se não quiz apartar de Dona Mecia Lopes sua molher, e como lhe foi tomada................................ 24
IV — Do Concilio que o Papa Innocencio IV fez em Lião de França, onde os Prelados, e os Senhores de Portugal, se foram querelar del-Rei Dom Sancho, e lhe pediram novo Regedor para o Regno, que por mingoa da justiça se perdia, e lhe outorgou o Ifante Dom Affonso Conde de Bolonha, irmão do dito Rei Dom Sancho 25
V — Como o Conde de Bolonha, depois de asseitar a governança de Portugal fez sobre esso juramento com algumas condições declara-

OBRAS PUBLICADAS

I— Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume (esgotada).........	400
II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume (esgotada).....	400
III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes (esgotada)...........	1$500
IV — O Infante D. Pedro, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes...........	700
V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro) por *Fernão Lopes*, 1 volume........	400
VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes............	1$200
VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes........................	2$800
VIII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. I, II e III (VIII, IX e X).	1$200
IX — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume........................	400
X — Arte da Caça de Altenaria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes..................	800
XI — Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes..................	1$200
XII — Chronica d'El-Rei D. Duarte, por *Ruy de Pina*, 1 volume.............................	400
XIII — Chronica d'El-Rei D. Affonso V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes....................	1$200
XIV — Chronica d'El-rei D. João II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes..................	1$500
XV — Vida de D. Paulo de Lima Pereira, por *Diogo do Couto*, 1 volume..................	500
XVI — Chronica d'El-Rei D. Sebastião, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes..............	1$000
XVII — Jornada de Africa, por *Jeronymo de Mendoça*, 2 volumes......................	800
XVIII — Historia Tragico-Maritima, por *Bernardo Gomes de Brito*. vol. I a X............	3$800
XIX — Jornada de Antonio d'Albuquerque Coelho, por *João Tavares de Vellez Guerreiro* 1 volume .	600
XX — Chronica d'El-Rei D Affonso Henriques, por *Duarte Galvão*, 1 volume...........	600
XXI — Chronica D'el-Rei D Sancho I. por *Ruy de Pina*, 1 volume...................	400
XXII — Chronica d'El-Rei D. Affonso II e de El-Rei D. Sancho II, por *Ruy de Pina*, 1 volume....	400

EM PUBLICAÇÃO

Historia Tragico-Maritima, por *Bernardo Gomes de Brito*, vol. X.